

ANTOLOGIA

# TRAVESSIA

*Escritos que atravessam o tempo*



ORGANIZADORA  
ANDREIA MARQUES

**VOLUME 1**

Panóplia

# TRAVESSIA

*Escritos que atravessam o tempo*

Organizadora: Andreia Marques

Volume 1

1ª edição  
Editora Panóplia  
Rio de Janeiro, 2026

© 2026 Editora Panóplia  
www.editorapanoplia.com.br

**Travessia: Escritos que Atravessam o Tempo - Volume 1**

Vários autores

**Organização:** Andreia Marques

**Revisão:** Dos próprios autores

**Capa e Projeto Gráfico:** Andreia Marques

**Imagens:** Pexels, Pixabay e Canva

1ª edição

ISBN 978-65-83987-23-5



**Tipo de Licença:**

**Atribuição-SemDerivações-SemDerivados- CC BY- NC**

**Esta obra pode ser baixada e compartilhada desde que  
o crédito seja atribuído à editora Panóplia.**

**Não pode ser alterada de nenhuma forma.**

**Não pode ser comercializada de nenhuma forma.**

# TRAVESSIA

*Escritos que atravessam o tempo*

Organizadora: Andreia Marques

Volume 1

## SUMÁRIO

Apresentação...	7
Aldemir B. Oliveira-Filho...	11
Ana Lucia Ferreira de Farias...	25
Andrea Vieira...	28
Andressa Aparecida...	38
Atanilson Rodrigo Magalhães...	41
Beatriz Oliveira...	49
Belle Dantas...	51
Ed Carlos Alves de Santana...	55
Edna Craveiros...	76
Eliana Cordeiro...	79
Eliane Cristina...	83
Eliz Vieira...	86
Escreletro...	89
Gildo Souza...	95
Gilson Salomão Pessôa...	99
Gisele Starck...	105
Iolanda Mercandale...	107
Ísis Esteves...	109

Jonathan Francievertton da Silva...	111
Juliana Custódio Soares da Costa...	115
Karina Oliveira...	121
Leandra Moreira...	123
Letícia Almeida...	126
Luciana Pinheiro Oliveira...	134
Luiz Eudes...	137
Luzz Souza...	140

## APRESENTAÇÃO

A escrita possui a capacidade singular de ultrapassar o tempo. Cada texto surge a partir de uma data específica, marcada por experiências, pensamentos e sensibilidades próprias de quem escreve. No entanto, ao ganhar forma na linguagem, ele se projeta para além de seu momento de origem, alcançando leitores em outros contextos e épocas.

É nesse sentido que se insere *Travessia: Escritos que atravessam o tempo*. Esta antologia reúne autores de diferentes estilos e perspectivas, cujos textos refletem múltiplas formas de perceber e interpretar a realidade. Cada contribuição preserva a identidade de seu autor, ao mesmo tempo em que dialoga com temas e sentimentos que fazem parte da experiência humana.

A literatura sempre se constituiu como um espaço de encontro entre vozes diversas. Em uma obra coletiva, essa característica se torna ainda mais

evidente, pois cada texto acrescenta novas tonalidades ao conjunto, ampliando as possibilidades de leitura e interpretação.

Cada texto presente nesta obra representa, assim, um registro singular de pensamento e sensibilidade. Reunidos em um mesmo volume, esses escritos revelam a pluralidade de caminhos que a palavra pode percorrer.

A diversidade de vozes reunidas nesta coletânea evidencia a vitalidade da produção literária contemporânea. Diferentes estilos, temas e perspectivas coexistem, ampliando o horizonte interpretativo da obra.

Que *Travessia: Escritos que atravessam o tempo* possa alcançar leitores em diferentes momentos e contextos, permitindo que os textos aqui reunidos continuem a produzir sentidos e a permanecer vivos por meio da leitura.

Andreia Marques  
*Organizadora*

# TRAVESSIA

*Escritos que atravessam o tempo*





### **ALDEMIR B. OLIVEIRA-FILHO**

Aldemir B. Oliveira-Filho reside no município de Bragança, litoral da Amazônia. Ele é professor, desenvolve projetos científicos e auxilia em ações relacionadas ao cuidado, à prevenção e à promoção da saúde.

## **O PESO DO EGO NA BAGAGEM DA ETERNIDADE**

Otávio sempre teve a crença silenciosa de que nasceu para ser notado. Não se via como arrogante, mas sim como alguém que reconhece seu próprio valor. Trabalhava mais, estudava mais, opinava melhor. Se exigia reconhecimento, era apenas justiça, dizia a si mesmo. O mundo, em sua lógica íntima, funcionava melhor quando orbitava em torno de sua presença.

Chamava vaidade de amor-próprio. Orgulho era firmeza de caráter. Egoísmo, prudência emocional. Trocava os rótulos, mas preservava intacto o conteúdo.

A morte, porém, não respeitou sua narrativa. Veio discreta, quase indiferente: um mal-estar súbito, o corpo que falha, o chão que se aproxima rápido demais. Nenhuma cena grandiosa, nenhum último discurso memorável. O final foi trivial, e isso, mais do que qualquer outra coisa, lhe pareceu

extremamente desagradável.

Quando abriu os olhos outra vez, estava de pé na própria sala. O apartamento permanecia o mesmo: os móveis escolhidos com rigor estético, os quadros que denunciavam sofisticação. No chão, entretanto, jazia um corpo imóvel. O seu corpo.

Tentou tocá-lo. A mão atravessou a matéria como se tocasse névoa. O impacto não foi físico, mas interno. Pela primeira vez, não havia controle, argumento ou superioridade que resolvesse a situação.

– Então é isso. Acabou! Murmurou, atônito.

O silêncio que se seguiu não era vazio; era denso, observador.

– O silêncio pesa mais para quem passou a vida falando alto. Disse uma voz tranquila atrás dele.

Otávio virou-se. Diante dele estava um homem de semblante sereno, roupas simples, olhar firme e sem julgamento.

– Quem é você? Perguntou, já na defensiva.

– Um acompanhante. Ninguém atravessa essa etapa sozinho, ainda que tenha vivido acreditando no contrário.

Otávio tentou recompor sua postura habitual.

– Não preciso de ajuda. Não fiz nada errado.

Vivi como qualquer um.

O homem inclinou levemente a cabeça.

– Talvez. Mas agora veremos como suas escolhas reverberaram.

O ambiente dissolveu-se. Não estavam mais na sala, mas em algo que parecia tecido de memória. Cenas surgiam nítidas: reuniões em que interrompia colegas com elegância cortante; amigos que deixava falando sozinhos; familiares que buscavam acolhimento e encontravam pressa.

– Isso é exagero. Todo mundo age assim. Protestou, Otávio.

– Pode ser. Mas aqui não avaliamos o mundo, apenas você. Respondeu o acompanhante.

Então, algo mudou. Otávio deixou de ser

espectador. Passou a sentir. Sentiu a vergonha abafada de um subordinado desvalorizado, a tristeza contida de um irmão ignorado, o peso da indiferença oferecida como resposta a quem precisava de cuidado.

O desconforto tornou-se quase insuportável.

– Isso é punição? Perguntou, a voz menos firme.

– Não. É consciência.

Ele compreendeu, com certo espanto, que não havia juiz externo. O sofrimento nascia da lucidez. Quanto mais entendia, mais se despia das justificativas que sustentara por anos.

As imagens cessaram. Diante deles, abriu-se um espaço amplo, como uma comunidade em movimento silencioso. Pessoas auxiliavam recém-chegados, organizavam tarefas, acolhiam confusões. Ninguém parecia interessado em hierarquias.

Otávio sentiu-se invisível. Ninguém o reconhecia. Ninguém aguardava suas opiniões.

No início, ficou irritado. Em seguida, ficou fatigado de sua própria raiva. Finalmente, no entrelaçar do tempo, algo dentro dele começou a se soltar.

Foi convidado a ajudar. Nada grandioso: orientar alguém desorientado, apoiar quem revivia memórias dolorosas. Fez por obrigação nas primeiras vezes, ressentido por não receber destaque.

Até que, certo momento, agiu sem cálculo. Ajudou simplesmente porque percebeu a necessidade do outro. Sem pensar em mérito. Sem esperar retorno.

Sentiu-se leve.

Não era orgulho. Não era exaltação. Era ausência de peso.

– Estranho – disse, surpreso. – Não me senti maior.

O acompanhante sorriu.

– Porque não se trata de crescer sobre os outros, mas de crescer com eles.

Otávio começou a perceber que o ego funcionara como armadura. Protegia, sim – mas também isolava. O orgulho que julgava fortaleza era, na verdade, uma parede.

– E agora? – perguntou, já sem a antiga rigidez.

– Agora você decide. Pode continuar aprendendo aqui ou recomeçar.

– Recomeçar?

– Voltar à experiência humana. Esquecer o que viu, mas levar consigo as tendências já suavizadas. Ter novas oportunidades de escolher diferente.

Otávio refletiu longamente. Pela primeira vez, não se sentia acima do processo. Sentia-se parte dele.

– E se eu errar outra vez?

– Vai errar – respondeu o homem com serenidade. – Mas talvez erre com mais consciência... e ame com menos medo.

Otávio compreendeu então que nada material

atravessava a eternidade. Nem status, nem títulos, nem aplausos. O único peso real era o do próprio ego, e esse podia ser transformado.

Seguiu adiante mais simples do que jamais fora em vida. Descobrimo que a eternidade não exige grandeza, mas desapego.

E que ninguém leva vaidade na bagagem do espírito, apenas aquilo que conseguiu converter em amor.

## **O QUE RESTA QUANDO O ORGULHO CALA**

Antes de nascer, ele não lembrava do seu nome. Era apenas consciência: inquieta, lúcida e desconfortavelmente honesta. Flutuava num espaço que não era céu nem vazio, mas memória viva. Ali, o tempo não corria; pulsava. Cada lembrança respirava como órgão sensível, pedindo revisão.

Observava a existência recém-encerrada. Não

encontrava crimes escandalosos, nem maldades dignas de condenação pública. O que via era mais sutil, e mais difícil de admitir. Gostava de ser admirado. Vencia discussões com elegância cortante. Perdoava com discursos impecáveis e coração fechado. Sua caridade precisava de plateia. Fora culto, refinado, respeitado. E, no entanto, girava ao redor de si como planeta solitário.

– Não fui mau. Defendeu-se, quase em sussurro.

A resposta veio em imagens: amigos esquecidos quando deixaram de ser úteis; afetos trocados por aplausos; a mania de transformar o mundo em espelho. Não havia juízes. Apenas fatos. E a ausência de acusação era o que mais doía. Sem tribunal externo, restava o único inescapável: a própria consciência.

Outras presenças aproximaram-se, serenas, afetuosas. Não traziam superioridade, mas experiência. Uma delas, envolta numa ternura

levemente irônica, pareceu perguntar:

– E agora?

Ele compreendeu: não haveria punição, mas aprendizado. Não castigo, mas reeducação do sentir.

Foi conduzido a algo semelhante a uma sala de planejamento. Não havia mesas, apenas mapas vivos de tendências e inclinações. O egoísmo surgia como reflexo antigo. O orgulho, como armadura brilhante e pesada. A vaidade, como perfume forte que ele insistira em espalhar.

– Não posso arrancar tudo de uma vez. Reconheceu. – Está entranhado.

A concordância foi suave. O caminho seria viver circunstâncias em que tais traços não ajudassem. Onde brilho não resolvesse. Onde perdão não fosse ornamento, mas necessidade.

Planejaram uma família simples, amorosa e imperfeita. Nada de reverência automática. Teria talentos, mas sem palco garantido. Inteligência, mas pouco reconhecimento imediato. Sensibilidade, mas

relações que exigiriam paciência.

Antes de partir, temeu:

— E se eu esquecer?

Esqueceria quase tudo. Mas restariam impressões, incômodos sem nome, intuições persistentes. A mente não lembraria; o espírito sentiria.

O mergulho foi brusco. A lucidez dissolveu-se. Veio o corpo frágil, o choro, a dependência. Veio a experiência inédita de precisar.

Cresceu com desejo intenso de ser visto. Quando elogiado, florescia; ignorado, azedava. Na escola, destacava-se e apreciava ser o melhor. Ajudava colegas, desde que houvesse testemunhas. Se o gesto passava despercebido, perdia o encanto. Não sabia explicar o vazio que sentia ao fazer o bem em silêncio.

A vida começou a ajustar o roteiro.

Vieram frustrações. Projetos falhos. Reconhecimentos concedidos a outros. Críticas que

feriam fundo. Cada episódio espetava seu orgulho. Ele reagia como antes: afastava-se, retrucava, julgava.

Até que surgiram os encontros inevitáveis: pessoas difíceis de amar.

Um colega que se apropriava de ideias. Um parente incapaz de pedir desculpas. Um amor intenso e imperfeito, exigindo concessões diárias. Tentou usar charme, inteligência, vaidade. Nada funcionou.

Restou experimentar algo novo: ouvir. Ceder. Silenciar respostas prontas. E perdoar, não por superioridade moral, mas para não adoecer por dentro.

Descobriu que o perdão não premiava o outro; libertava a si. A caridade também mudou de forma. Já não era gesto grandioso. Tornou-se paciência repetida, cuidado anônimo, escuta cansada ao fim do dia. Pequenos atos sem aplauso, mas com paz íntima.

Às vezes, ao agir assim, sentia estranha familiaridade. Como se estivesse recordando algo

esquecido. Um eco distante.

Não virou santo. Ainda desejava reconhecimento. Ainda inflava conquistas. Mas agora havia conflito. Um desconforto saudável. A consciência despertava.

Em noites silenciosas, percebia intuições suaves. Nenhuma voz, apenas compreensão: havia lógica nos encontros, precisão nas dores, pedagogia nas perdas.

O tempo passou. Tornou-se menos preocupado em brilhar e mais disposto a compreender. Aprendeu que egoísmo não se combate com culpa, mas com empatia. Que orgulho se dissolve ao aceitar a própria falha. Que vaidade perde força quando o valor deixa de depender do olhar alheio.

Quando o corpo começou a se despedir, não houve desespero absoluto. Havia medo, sim, mas também serenidade. Algo nele reconhecia o caminho.

Na travessia de volta, a lucidez retornou como

amanhecer. As memórias reorganizaram-se. Não errara pouco – mas errara melhor. Havia aprendido.

As presenças aguardavam.

– E então?

Ele não respondeu com palavras. Sentiu gratidão. Humildade. E uma disposição nova: menos desejo de ser centro, mais vontade de fazer parte.

Entendeu, enfim, que evolução não acontece quando somos admirados, mas quando conseguimos amar – mesmo quando ninguém está olhando.



**ANA LUCIA FERREIRA DE FARIAS**

Atuou como professora de História, atualmente estuda  
Pedagogia na UERJ e pós-graduação pela UFLA.

## **MAR DA VIDA**

De tonalidade azul intenso,  
Pela linha do horizonte  
Seu tamanho é imenso.  
Em constante movimento,  
É a própria força da natureza  
Em esplendor e avivamento.

É como a vida humana:  
Às vezes agitado,  
Bate forte, quase destrói.  
Também em nossa vida  
Por voltas ansiado,  
Alma sofrida, quase corrói.  
Porém há momentos de serenidade  
Quando o coração transborda tranquilidade.  
Assim é a vida em sua inconstância,  
Como as ondas em eterna variância,  
Aprendi a viver e ainda tiro onda.

Na alternância da maré, treinei desenvoltura

E hoje levo a vida com jogo de cintura.

Seu mistério fascina-me,

Sua beleza extasia-me,

Seu som inebria-me.



### **ANDREA VIEIRA**

Andrea de Mello Vieira Siqueira é missionária, advogada e uma mulher de fé e ação. Autora do livro: *As Aventuras Missionárias da Tia Andrea Vieira*. Casada, ela é uma grande defensora dos direitos da criança e do adolescente, sendo autora de importantes iniciativas legislativas, incluindo a criação da Lei Municipal e Estadual de Proteção à Criança e Combate à Pedofilia, além de um Projeto de Lei Federal voltado para o mesmo tema. Com um forte compromisso social, Andrea é Presidente do Movimento Missionário Marchinha pra Jesus e do Conselho de Mulheres Unidas para Reagir, organizações que atuam em diversas frentes para promover a justiça social, a igualdade de gênero e o fortalecimento da família. Além disso, é Conselheira do Conselho Municipal de Igualdade Racial, onde contribui ativamente para a promoção de políticas públicas voltadas para a igualdade racial e o combate ao preconceito. Ao longo de sua carreira, Andrea também exerceu a função de Conselheira Tutelar, onde pôde atuar diretamente na defesa dos direitos das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Seu trabalho é reconhecido pela seriedade e pelo impacto positivo nas comunidades em que atua.

## UMA MULHER COM PROPÓSITOS

Era uma vez uma Rainha chamada Vasti. Possuidora de muitas riquezas, prestígio, honras, formosura, porém uma vida sem nenhum objetivo. Num belo dia, seu esposo, o Rei, ordenara que fosse apresentar sua beleza a todos do Reino. Surpreendeu-se com a reação da Rainha ao recusar aparecer em público. Entendendo como um ato de desobediência e insulta perante todos da corte, ele resolveu tira-la do reino e de sua vida.

*Uma mulher sem propósitos não tem sabedoria, tudo o que conquista perde.*

*Uma mulher sem propósitos nunca esta na direção de Deus.*

*Uma mulher sem propósitos tem seus sonhos frustrados, não percebe que é exemplo para outras.*

Então deu-se início ao processo seletivo. A regra era simples: bastava ser formosa e agradar ao

Rei. A recompensa seria o próprio reinado e o próprio Rei. Somente sete virgens formosas foram separadas.

*Uma mulher com propósitos é separada.*

*Uma mulher com propósitos definidos luta por seu ideal.*

*Uma mulher com propósitos não desanima.*

*Uma mulher com propósitos prepara-se para atingir o alvo.*

Dentre as sete escolhidas lá estava Hadassa, sobrinha de Mordecai da Tribo de Benjamim, ou seja, Judia. Esta tinha propósitos, sabia o que queria. Seus objetivos e metas estavam traçados. Estava ciente de que era uma competição, tinha que ser a melhor. Enquanto se preparava, pediu a seu tio que não revelasse nada a ninguém sobre suas intenções.

*Uma mulher com propósitos trabalha em silêncio.*

Nos primeiros seis meses as mulheres receberam todo o tratamento real para que o corpo e

a saúde estivessem perfeitos. Mas Deus queria algo mais. Ele queria ver como estava a saúde espiritual de Ester (Hadassa), queria saber quem estava em primeiro lugar em seu coração.

*Uma mulher com propósitos sabe que Deus vem em primeiro lugar em sua vida.*

Mordecai, seu tio, também sabia honrar a Deus, por isso não se prostrava a Hama que acabara de ser nomeado líder dos príncipes. Homem soberbo, de atitudes incrédulas e detinha muito mal em seu coração. Por causa da atitude de Mordecai, todo o povo judeu morreria. Ao saber da terrível trama, recorreu a Ester contando todo o ocorrido.

*Uma mulher com propósitos é temente ao Senhor, sabe onde encontra-lo, tem intimidade com Ele.*

Após ter ouvido e ficado estarrecida com as notícias, Ester convocou todo o povo judeu e suas servas para orar e jejuar. Tudo estava em sua mente,

bem planejado e definido. Agora Deus não havia preparado somente seu corpo como também seu espírito.

*Uma mulher com propósitos consulta a Deus antes de por sua estratégia em pratica.*

Passados os três dias que separou para orar e jejuar foi ter com o Rei mesmo sabendo que poderia morrer, pois ainda não era Rainha. Foi surpreendida pelo mesmo que se agraciou por sua beleza e lhe concedeu todos os seus desejos. Então propôs um banquete ao Rei e a Hama e o pedido foi aceito.

*Uma mulher com propósitos não é covarde, enfrenta as barreiras para atingir sua meta, ainda que morra esta confiante no Senhor.*

*Uma mulher com propósitos pode ser surpreendida por Deus a qualquer momento.*

*Uma mulher com propósitos convida seus inimigos para comerem em sua mesa e ver a sua vitória.*

Hama saiu todo feliz ao receber a notícia, pois comeria com o Rei e a futura rainha, porém seu coração ainda estava irado com Mordecai. Então planejou mata-lo na forca. Diz a história que naquela mesma noite, o Rei Assuero, não conseguiu dormir e mandou que lhe desse um livro onde continham todos os acontecimentos de seu reinado. Observou que Mordecai o tinha livrado de morte e nenhuma honra foi dada a ele. Então mandou chamar quem estivesse no pátio. Coincidentemente Hama o aguardava para lhe contar sobre seu plano de matar Mordecai com a forca. Então O Rei Assuero pergunta Hama o que ele faria se pudesse honrar alguém. Pensando que a honra seria para ele mesmo, Hama sugeriu vestes reais, cavalo e coroa real, e ainda que o Príncipe mais importante do reinado leve este tal homem para ser cortejado perante o povo proclamando em alta voz que o rei o estava honrando. O Rei Assuero então ordena a Hama que se faça isso tudo a Mordecai.

*Uma mulher com propósitos consegue ver as respostas de Deus e as mesmas são muito maiores que suas expectativas.*

Por causa do propósito de uma mulher, salvou-se uma nação, desmascarou-se o inimigo, proporcionou alegrias a um Reino e conquistou seu objetivo. Ela não só casou-se com o Rei, como também seu povo foi liberto, seu tio honrado e principalmente o nome do Senhor glorificado perante todo o Reino.

Com essa mulher tão corajosa podemos aprender que:

- Estamos numa competição e queremos ser vitoriosas.
- Não temos apoio das nossas famílias mas o Senhor nos tomou por filhas.
- No processo seletivo somos separadas, tratadas e cuidadas.
- Devemos passar esse tempo nos instruindo para o grande dia: o dia se apresentar ao Rei.

- Ester a princípio não conhecia o Rei mas sabia que ele existia e não poupou esforços para se preparar somente para ele.
- O senhor quer nos reservar tempo para nos tratar com o óleo do Espírito Santo.
- Se tivermos essas atitudes corremos o risco de ser surpreendidas antes do tempo.
- Há um propósito na fase de preparação: o de nos educar ou de reeducar a voltar nossos cuidados para Deus.
- Os obstáculos começam a aparecer e é necessário nessa fase orar e jejuar.
- Quando nos separamos ficamos diferentes das outras mulheres pois estamos sendo tratadas e guiadas por Deus.
- Se a mulher tem propósitos, sua família e seus amigos são resguardados.

- Devemos ter a intrepidez de Ester a ponto de convidar seus inimigos para comerem na mesma mesa. Tal ato é profético e com isso declaramos que somos vitoriosas e nossos inimigos não tem o controle sobre nossas vidas.
- Devemos ser obedientes e submissas a vontade do Senhor. O tratamento que Vasti deu ao Rei era o mesmo que dava a Deus: insubordinação, falta de submissão, desobediência. exemplo de mal comportamento, agiu como uma incrédula. Por causa disso o Senhor arrancou dela o seu maior tesouro.
- O segredo para sermos mulheres bem sucedidas na vida sentimental é a total dependência de Deus, vida consagrada, separada, regada com muito jejum e oração, ler sempre a Bíblia e obedecer a voz do Senhor mesmo num tempo onde

tudo digital esta ao nosso alcance e nos desafia a retirar nossa comunhão com Deus a todo o instante.



### **ANDRESSA APARECIDA**

Andressa Aparecida é historiadora da arte, Professora e Bailarina Contemporânea. Começou a escrever poemas aos 12 anos. Poetiza por amor. Ama fotografia, dança e artes em geral.

## **TAVESSIA**

O tempo é a maior travessia de todos!

Ora muito rápido, ora devagar!

Mas sempre nos fazendo pensar!

O tempo é a maior travessia de todos!

Ora muito rápido, ora devagar!

Mas sempre nos fazendo amar!

O tempo é a maior travessia de todos!

Ora muito rápido, ora devagar!

Mas sempre nos fazendo admirar!

O tempo é a maior travessia de todos!

Ora muito rápido, ora devagar!

Mas sempre nos fazendo sonhar!

O tempo é a maior travessia de todos!

Ora muito rápido, ora devagar!

Mas sempre nos fazendo orar!

## *Travessia*

O tempo nos faz atravessar a vida com pensamentos,  
sonhos, amor e admiração.

E acima de tudo! Travessias com oração!



**ATANILSON RODRIGO MAGALHÃES**

Graduado como Bacharel em Engenharia Química e com Pós-graduação em Geotecnia Ambiental e Estrutural pela Faculdade Única. Cursando Pós-graduação em Bioquímica. Atualmente é funcionário público federal da ECT. Escritor, com diversos poemas publicados pela revista digital Conexão Literatura e textos publicados pela Editora APMC.

## ENCANTO E SEDUÇÃO

Talvez antes fosse não ter te visto!  
Não ter te conhecido!  
Digo para o meu próprio bem.  
Não estaria eu nessa situação.  
Tua presença traz fervor ao meu ser.  
Inquieta meu coração.

Deveras não sei o que pensar.  
Por quanto tomado meu coração está.  
Se ao meu ser se perde na razão,  
Embriagado de encanto ao mero olhar,  
O quão arrebatado em fúlgida beleza,  
Quando a este ser posto a contemplar.

Ah! O que tenho a fazer meu Deus?!  
Se ao meu ser refém desse sentimento está.  
Sentimento ao qual nem posso explicar.  
Digo sim, que seduzido está,

Do poder de fascínio do mistério desse olhar,  
Tal qual a uma deusa admirar.

Digo que em meus pensamentos mais eróticos,  
Envoltos dessa mais pura nudez.

Oh quão pele aveludada!

Quão maciez ecoa ao toque do olhar!

Há de se perder nessas curvas graciosas,

Ao se deleitar meu ser de intenso prazer.

A que te concerne tal poder?

Que nos encanta com a beleza ao olhar!

Nos faz perder na sedução desse olhar!

Que ao passo que excita nosso ser de fervor,

Nos faz navegar em águas plácidas!

Aqui estou diante de meu eu a questionar.

Tu que é dona de lábios tão ardentes,

De uma leveza no sorrir tão cativante...

Mesmo que me encontre no vão de meus

pensamentos,  
Perdido no labirinto de sentimentos,  
Certamente agora digo:  
Que bom ter te visto! Ter te conhecido!

## MURMÚRIOS

Ergui a cabeça, olhei e te vi.  
Vi como estavas tão exuberante.  
Um corpo celeste,  
De contornos suaves e bem definidos.  
Uma luz clara, brilhante, intensa.  
Por não dizer áurea!  
Luz que tende a nos hipnotizar.  
Fixa nossos olhos de contemplar  
Tamanha a beleza.  
Logo hoje!  
Que me pus a murmurar.  
Serão coisas do acaso,

Ou o destino agindo a nosso favor?!  
Sinceramente, não sei!  
Não sei o que dizer ou o que pensar.  
Mas você está aí,  
Firme e forte.  
Irradiando tamanha beleza e simpatia.  
Ainda bem!  
Porque cá estou eu,  
Com um frio e vazio imenso no coração,  
Que me chega a beirar um abismo.  
E nessa noite escura e densa,  
És tu quem atenua essa escuridão,  
Que insiste em surrar o meu coração.  
Murmura meu ser inconformado:  
Por quê? Por quê? Por quê?  
Por tantos sentimentos enganados,  
Promessas não cumpridas,  
Planos dispersados.  
Ah! De que adianta questionar...?!  
Eu sei que você não tem a resposta de que eu preciso.

Mesmo assim meu coração não hesita em perguntar.

Mas de certo eu sei:

Tu não tens o calor do Astro-rei,

Entretanto te vendo assim tão altiva e sublime,

Acalenta meu coração.

Por ora, quase nem percebo,

Já se aprofunda a noite pela madrugada,

E continuo aqui a te admirar.

Fixa, imóvel, imutável!

Tão perto ao tangível dos olhos,

Como tão longe ao nosso tocar.

Não importa!

Só sua presença me é o suficiente.

O que me resta agora?!

Vou me recolher sob sua presença,

Fitar-lhe os olhos de encanto

Até o breve momento que também irás me

abandonar.

Todavia, tal ato se faz necessário,

Visto que sua ausência propicia

A um novo raiar.

Espero que seja um dia melhor!

## **QUEM SABE!**

Um dia, quem sabe!

Possamos nos reencontrar...

Em olhares, em gestos, em sentimentos...

Um dia, quem sabe!

As palavras sejam apenas palavras

Sob olhares sem culpa ou condenação.

Um dia, quem sabe!

Quando todo esse vendaval tiver passado,

Sobreviva firme e forte o amor em alicerce.

Um dia, quem sabe!

Quando o tempo for um mero figurante,

Fique apenas pequenas cicatrizes de feridas abertas.

Um dia, quem sabe!

Quando o furor de uma existência sucumbir

Às palavras do conhecimento;  
Quando o "eu" perceber  
Que nada é, diante da grandiosidade da vida;  
A mente possa se acalmar  
E enxergar com os olhos da alma  
Que o amor nunca deixou de estar.  
E no que era trevas irradie luz,  
E no que era tempestade sejas orvalho;  
Que refresca e ilumina pela manhã.  
Um dia, quem sabe!  
Entendamos que o amor que tivemos  
Do que devia ter sido e não foi,  
E o que foi, não era para ser.



### **BEATRIZ OLIVEIRA**

Beatriz Oliveira é licenciada em Letras Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), especialista em Metodologias de Ensino (FAVENI) e pós-graduanda em Docência na Educação Profissional e Tecnológica (IFPB). Também é professora, palestrante e pesquisadora sobre Literatura de Cordel. Tem o mesmo berço do ilustríssimo poeta Gonçalves Dias, a cidade de Caxias - MA. Carinhosamente conhecida por Bia, ela se considera a criatividade e arte em pessoa. Desde outrora participa de antologias poéticas nacionais.

## UM DIÁRIO

Anseio ser ouvida,  
meu peito sangra, a alma ferida.  
A noite desaba em chuva e ventania  
e em mim transborda a mesma agonia.

Há afagos que sabem ferir,  
presenças que fingem construir.  
Não volto ao lugar onde me desfiz,  
onde deixei de ser quem sempre quis.

Não retorno. Está decidido, enfim.  
Ninguém me conduz para longe de mim.

O Eu Sou cuida do que vim a ser,  
guardo-me agora, estou a me conter,  
pois só quem se cuida assim,  
não irá sucumbir ao fim.



## **BELLE DANTAS**

Sou Belle Dantas, Administradora de Empresas, estagiei em Psicologia Jurídica e Psicopedagogia. Particpei de uma pesquisa científica sobre adoção legalizada com minha Professora e supervisora de jurídica. Lia poesias na infância e amava declamá-las! Gosto de escrever Romance e agora estou me aventurando a escrever um terror psicológico e suspense. Amo a arte em geral!

## DA SOLIDÃO À SOLITUDE

No início

a solidão chega como quarto vazio,

eco nos cantos da casa,

cadeira sobrando à mesa.

Ela pesa.

Tem gosto de silêncio forçado

e cheiro de ausência.

Mas se você fica —

se não corre para o barulho fácil,

para as vozes que opinam sobre quem você deve ser —

algo começa a mudar.

O silêncio, antes estranho,

vira espelho.

E você se vê.

O que era vazio

vira espaço.

O que era ausência

vira presença de si.

Sentar-se a sós  
passa a ser um encontro.  
Você escuta teus próprios pensamentos  
sem interrupção.  
Sente teus sentimentos  
sem julgamento.  
Percebe o que é teu  
e o que sempre foi ruído do mundo.  
A solidão, então, se transforma:  
de ferida aberta  
em jardim interno.  
Prazer na própria companhia.  
Conversa íntima com a própria alma.  
Descoberta da arquitetura secreta  
da tua mente,  
da tua forma única  
de estar no mundo.  
É quando cada pessoa  
olha para dentro  
e se enxerga inteira —

com luz e sombra,  
com medo e coragem,  
com falhas e potência.

Ficar só

não é faltar.

É aprofundar.

É tomar posse do que é seu:

teus pensamentos,

teus sentimentos,

teu jeito irrepitível de existir.

E, nesse encontro silencioso,

você percebe —

nunca esteve vazio.

Apenas precisava

ouvir-se.



**ED CARLOS ALVES DE SANTANA**

Ed Carlos Alves de Santana - Natural de Alagoinhas - BA.  
É Doutorando em Crítica Cultural na Linha 1: Literatura,  
Produção Cultural em Modos de Vida do Programa de  
Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do  
Estado da Bahia (UNEB) - Alagoinhas - Bahia.

**UM ENCONTRO COM A BELEZA PLÁSTICO -  
ARTÍSTICA E ESTÉTICA NA PINACOTECA  
DA FIGAM: ARTE, MEMÓRIA E POESIA  
EM ALAGOINHAS/BA**

Há na Fundação Iraci Gama de Cultura (Figam) situada à Rua Quinze de novembro na cidade de Alagoinhas/BA, uma rica coleção de Pinturas e Esculturas, que abarcam diversos estilos escultóricos: Baixo-relevo em madeira, esculturas em metal, maquetes de monumentos históricos e variados gêneros pictóricos: Paisagem, Casario, Pintura Sacra, Floral, Marinha, Pintura Abstrata.

Nestas obras que figuram na Pinacoteca da Fundação Iraci Gama de Cultura (FIGAM) em se tratando das pinturas, estas por sua vez, envolvem em suas confecções e faturas plásticas variadas técnicas artísticas e gráficas à exemplo da Pintura a óleo sobre tela, da pintura acrílica sobre tela, da pintura a pastel seco sobre papel, da pintura e do desenho a carvão sobre papel, da pintura a sanguínea sobre papel.

Os e as artistas presentes neste ambiente de preservação de história e memória local urbana e municipal têm reconhecidas trajetórias plástico-criativas: Ronaldo Dededo, Josilton Tom, Antônio Lins, Floriano Santos, “Almiro Borges, Albertina Rodrigues, Aldemário, Jô Corrêa, Mário Cravo Jr, (in memoriam)”, Aydil Mello, Joilson Borges, Diana, Rita Hohenfelis, Getúlio Cândido, Jorgepoh, Littus Silva dentre outros.

Inúmeras são as linguagens e abordagens artísticas identificadas em cada obra ali representadas que vão do Realismo Acadêmico ao Abstracionismo Geométrico e Informal assim como também ao Cubismo. As Esculturas apresentam-se corporificadas em matérias como em metal, em madeira, técnica mista sobre tela, baixos-relevos em madeira. Nesta ilustre e significativa Pinacoteca contamos com uma coleção de artes rica heterogênea, diferenciada em temática, técnicas e estilos, que fazem um apanhado do melhor das Artes Plásticas

produzidas em Alagoinhas/BA nos últimos setenta anos, obras de artes estas que convivem harmoniosamente sob o mesmo teto da secular Estação Ferroviária São Francisco.

A riqueza gráfica está contida no carvão realista de Albertina Rodrigues de maneira comovente e encantadora dado ao seu exímio domínio técnico. O Bucolismo Árcade se mostra melhor em Almiro Borges como um convite a meditação diante da natureza de uma Alagoinhas passada.

A história de Alagoinhas mostra-se em seu charme maior nas pinturas em preto e branco, assim como também coloridas na obra artístico-pictórica de Antônio Lins com seu belo acabamento e profissionalismo.

Os povos originários e nossa ancestralidade indígena, mostram-se poeticamente nas obras destes dois grandes artistas como Littus Silva e Jorgepoh. Assim como o aspecto Naif encontra-se genuinamente

registrado na obra pictórica de Floriano Santos.

O realismo Impressionista em Aydil Mello capta as Ruínas da Igreja Inacabada de Alagoinhas Velha como se pelas mãos de um Claude Monet.

Os baixos-relevos em madeira sofisticados aparecem e impõem-se artisticamente em Josilton Tom e em Ronaldo Dededo expressos preferencialmente na superfície da madeira. O abstracionismo informal e melancólico apresenta-se em Diana.

O Testemunho histórico e documental revela-se em Totinha nas suas fotografias de uma Alagoinhas movida pelo viés nostálgico presentes em seus monumentos históricos.

O tema de natureza sacra é visto em Walda Robatto, em uma pintura de cores quentes cheia de fé e paixão.

O abstracionismo abstrato e figurativo mostra-se na obra de Ronaldo Dededo e sua pintura metafísica. As evocações aquáticas em Jô Corrêa trazem uma beleza

sublime e admirável acerca de nossas águas com suas transparências e limpidez.

O passado arquitetônico recente de Alagoinhas é ressuscitado nas sanguíneas do Professor Joilson Borges.

Ninguém pintou tão bem as Velhas Ruínas da Igreja Inacabada de Alagoinhas Velha como o artista das ruas e das praças de Alagoinhas, Aldemário, que soube captar uma atmosfera poética cheia de nuances de um amor incontido por esta cidade que não o compreendia em sua essência de pintor.

**A ARTE NO DECORRER DOS TEMPOS  
E SEUS DESDOBRAMENTOS ORIGINAIS  
E CONTEMPORÂNEOS**

Nos primórdios das Cavernas a arte aspirava ao místico, o mágico, o religioso,

Era uma arte com fins rituais e objetivos feiticeiros aplicadas à caça de animais com finalidade alimentícia,

No Antigo Egito a arte se destinava a celebrar a grandiosidade da vida após a morte por meio da elaboração de estátuas de Deuses antropomórficos, metade homem e metade animal,

Na Grécia a arte servia para a humanização dos deuses com seus caprichos e iras

Na Roma Clássica a arte representou o homem em sua crueza, destituído de adulação e beleza

Na Mesopotâmia ela descreveu Deuses e Reis com corpos de leões

Na arte Paleocristã a arte representou os valores do cristianismo plasmando-os simbolicamente em peixes e pães nas catacumbas

Na Idade Média a arte representava o temor do

homem perante Deus e a fé em detrimento da razão.

Na arte Bizantina ela hieratizou Deus como um ente gigante e os homens como seres minúsculos em belos mosaicos multicores,

Na arte Românica ela representa-se em Igrejas com seus arcos e abóbadas nas quais prevalecia o peso, a sombra e suas esculturas eram infiltradas na arquitetura,

No período Gótico a arte cria asas e alça voo aos céus em luz e leveza com seus vitrais hipercoloridos da vida dos santos, seus arcos ogivais e seus pináculos,

No Renascimento a arte chega à idade da razão e recupera a beleza intrínseca ao homem mantendo respeito ao único Deus, o homem fez da arte uma bíblia viva,

No Maneirismo a arte ensaia e tenta a emoção pelo contorcimento de corpos de homens, e Deuses mitológicos deveras sensuais,

No Neoclassicismo a arte tenta resgatar a Arcádia perdida com seus Deuses pagãos, ninfas, sátiros e sonha com a beleza perfeita perdida na Antiguidade Clássica greco-romana

No Rococó a arte sai da concha em busca da frivolidade humana com suas festas galantes, deleites, e futilidades sociais, a vida é comemorada ao calor das revoluções

No Realismo a arte naturalista é cruel e verdadeira, captura o homem, a vida dura e sua verdade nos campos agrícolas

No Impressionismo a arte sonha com a beleza e o prazer de viver

No Pós-Impressionismo ela se revolta, se reavalia, se recria, se enche de pontos e de cores e parte rumo ao moderno

Nas Vanguardas a arte cai em desespero, perde a identidade, depois a reencontra, e tem-se então uma

tal liberdade criadora jamais vista.

Das Vanguardas ela parte para a contemporaneidade que elege Duchamp seu Papa e guru ditador das desconstruções conceituais. Ele se apropriará, inventará um novo modo de ver e conceber a arte. Arte apropriada, arte como objeto, arte como registro, arte como ideia, uma arte volátil sustentada por muletas em bulas teóricas.

### **ANTIGAS CIVILIZAÇÕES; ARTE, EVOLUÇÃO E O TEMPO**

Das Civilizações Antigas nos restam o eco do invisível,

Um silencio ensurdecador de ruínas de monumentos,  
que buscam um novo sentido de ser e existir em  
meio a um caos de rochas

e tempos amontoados em era globalizada.

Seus habitantes originais se foram

Sua história primeva fora apagada pela poeira das eras, Babilônia.

Ou pela gula de florestas famintas de ruínas sob suas raízes

Que o diga a América do Sul.

Seus deuses jazem esquecidos como pedras emboloradas disformes, mudas

Oh! Tu Ilha de Páscoa com seus Moais em sólida rocha.

Ninguém mais lhes prestou cultos oh! Velha Stonehenge, calendário milenar

Ou lhes agradaram as vaidades por humanos sacrifícios, regados a sangue e rituais secretos.

Civilizações sucumbiram as profecias de  
autodestruição,

O tempo tudo pode, é invencível, evoque-se  
Atlântida, o oitavo continente de Platão, submerso  
nas entranhas oceânicas em profundezas abissais

O maior justiceiro de todos, sempre fora o tempo,  
que a tudo e a todos matou por puro sadismo egóico.

Oh! Cronos até quando se contentará com os finais e  
seus destroços monumentais cheios de enigmas  
insolúveis, soterrados e empilhados, Oh! Grécia  
hercúlea

Oh! Tu o maior de todos os solitários, Senhor Tempo!  
Força maior

Ficas a contemplar as ruínas, trabalhos feitos por  
tuas próprias mãos

És um agente de morte a vislumbrar as Pirâmides-  
Túmulos do Egito

Tu fazedor de escombros. Desconstrutor de histórias,  
silenciador de vozes;

Por que oculta de nós a verdade destituindo o  
sentido das escritas imemoriais cravadas na pele de  
superfícies?

**AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NO  
TRANSCORRER DOS TEMPOS E SUAS  
CONEXÕES PLÁSTICO-CRIATIVAS  
E ESTÉTICAS**

Há milhares de anos atrás o homem primitivo por meio da linguagem artística do desenho, da dança, da pintura e da escultura buscava conexão com algo místico-religioso, com um poder sobrenatural maior, propiciador de boa caçada, fartura, alimentos. Muitas das vezes a beleza expressa em seus trabalhos parietais nas cavernas eram consequências do fazer e não objetivo plástico em si.

A arte fora durante muito tempo uma forma de ligação, um elo com o sagrado, o homem esculpiu suas Vênus disformes privilegiando suas nádegas, seus seios, seu sexo em detrimento a outros membros do corpo feminino, a fertilidade estava em xeque.

No transcorrer das eras ele chega ao período Medieval dominado pela igreja católica para onde por sua vez convergiam todas as criações artísticas, até então não assinada, não datada, o tema predominante fora a Sagrada Família, a história dos santos e mártires.

Enormes catedrais, basílicas, capelas, Igrejas, santuários, Eremitérios, Mosteiros foram erigidos e ornados por mãos de ourives, artífices, artesões, artistas, pintores, mosaicistas tão ilustres quanto desconhecidos.

Este homem medieval não dava a devida importância ao seu fazer artístico em evolução constante. Na época posterior a este período dito

sombrio ou de trevas o homem artista vislumbra a uma perfeição perdida a dos clássicos gregos e romanos, ele como que renasce em inspiração e conhecimento, Filippo Brunelleschi descobre as leis da perspectiva, agora o espaço pictórico é dominado e surge a partir daí a pintura janela para a realidade de como nos fala Alberti em seu Tratado da Pintura.

Nomes como Leonardo da Vinci, Rafael, Sandro Boticelli, revolucionaram a arte da pintura como nunca antes fora visto.

As artes se intelectualizavam-se, se academisa-se em Guildas, Fraternidades de Artistas professores, Oficinas e corporações.

O homem renascentista é tomado como medida de todas as coisas, a “arte como coisa mental” como preconizou Da Vinci, agora as obras são assinadas, datadas, patrocinadas por um rico mecenato, além da igreja que divergia entre a razão artística e sua emoção.

Dos períodos subsequentes: Maneirismo, Barroco, Rococó, Classicismo, Realismo, Impressionismo, Pós-Impressionismo. Muitas destas linguagens artísticas visuais negaram o passado, reinventaram formas atuais de expressão plástica, quando no mais ato de puro saudosismo de um êxito passado voltaram aos Grandes Mestres como forma de parâmetros de comparação, aprendizado e evolução.

Após o Pós-Impressionismo surge toda sorte de Vanguardas Artísticas inspiradas em Van Gogh, Gauguin e Cézanne.

Cubismo, Expressionismo, Fauvismo, Surrealismo, Abstracionismo, Suprematismo indo de encontro com a contemporaneidade onde passado, presente e futuro se amalgamam na busca do novo além do moderno. Um período da arte tão controverso e contraditório que nega ao tempo em que se afirma o passado. Esta época artística se faz tão elástica quanto a linguagens de conceitos, formas

possibilitadas pela arte contemporânea.

**CRIAÇÃO, INTERVENÇÃO E REGISTRO  
NO ENSINO DA ARTE OBRA DE ARTE E SUA  
AUTORIA ARTÍSTICA: QUANDO SE TORNOU  
NECESSÁRIO ASSINAR O TRABALHO  
PLÁSTICO-ARTÍSTICO E CRIATIVO**

A arte em si é um produto cultural que traz em seu âmago a marca característica de seu tempo, os valores culturais, sociais, crenças e pontos de vistas da mentalidade da época em que vive o artista.

Na era Primitiva o homem pintava e desenhava, esculpia sem nenhuma pretensão artística, a condição que elevou este fazer ao status de arte é consequência dos olhares de hoje distantes milhares de anos da sua concepção e criação, que se atribuía mágico-religiosa com fins ritualísticos de preparação para caça, pesca de animais.

Desde a concepção grega de beleza, séculos decorreram até Baumgarten criar seu conceito de Estética, do critério do belo, e de toda uma filosofia sobre arte.

Graças a Giorgio Vasari em pleno Renascimento criou-se uma história da arte relegando-nos conhecimento acerca da autoria das obras, dos pensamentos, ideias, aprendizados, buscas e encontros dos artistas renascentistas.

Sabe-se Giotto ter sido o primeiro artista a assinar seus afrescos dando registro de sua autoria, a arte deixou de ser menor, passou a ser intelectual, liberal, no entanto se fazia ainda em uma atividade braçal, que o diga Michelangelo a esculpir seu colossal Davi. Leonardo da Vinci diria “arte é coisa mental”.

Por todos os tempos a arte vem se afirmando ou negando a tradição, n’outro momento a revivendo, a ressuscitando, como tentara David e Ingres no Classicismo francês do século XVIII.

Da Idade Média ao Barroco a arte servira a Igreja Católica, sua maior patrona, mecenas; Ela, a arte até ilustrou a mitologia grega e romana.

Idade Média, Renascimento, Maneirismo, Barroco, Rococó, Realismo, Impressionismo uma série de movimentos, uma infinidade de ismos tudo levaria a Cézanne, Gauguin, Van Gogh, três titãs incompreendidos das artes plásticas ocidentais que foram elevados ao status de precursores da arte moderna o primeiro deste triunvirato, em sua vida artística buscou como Moisés uma “Terra Prometida” sendo impossibilitado de lá habitar, assim como aconteceu com o Profeta, o segundo foi em busca do paraíso, do bom selvagem, como diria Rousseau, perdendo tudo e até a vida, o terceiro tanto sofrera que impregnou sua obra de tal sentimento contagiando uma série de pintores de Vanguarda, o Expressionismo.

Destas Vanguardas surgiram nomes como os de

Picasso e Braque com seu Cubismo, Salvador Dali e Magritte com sua surrealidade, Matisse e Vlaminck e seu Fauvismo, Kandinsky cria o Abstracionismo e daí surge o divisor de águas universal, Duchamp com seu Dadaísmo, a negação, a apropriação, a arte como ready-made, o já pronto a espera de seu reconhecimento de paternidade e batizado em obra de arte, ele se apropria, expande-se o conceito de arte, não é apenas um simples urinol, é uma obra de arte, é uma “Fonte” .

A confusão se armou, a partir daí, todas as linguagens artísticas passaram a andar lado a lado, passado, presente e futuro, num diálogo ininterrupto, daí para a frente à Modernidade desembocara na arte Contemporânea, sem limites à criação e ao devaneio.

Fundou-se uma era do conceito, da ideia, do projeto, da obra de arte ausente, não realizável, ou realizável por terceiros. A dependência de textos poéticos

justificativos, a bula teórica, a arte plástica vira literatura, invade a dança e o teatro na performance, vira ambiental e penetrável com a instalação de Hélio Oiticica, sofre reinterpretações, releituras. As cidades se enchem de estátuas vivas é a performance. Embrulham-se prédios e pontes chama-se a isto de intervenção.

O conceito de arte se alastrou tanto quanto a sua autoria, hoje existem os coletivos artísticos, grupos de artistas que produzem juntos, compartilham a autoria.

Ou mesmo artistas como Vik Muniz que compõe sua obra com materiais insólitos e os registra fotograficamente. Pensem na videoarte, na pintura de luz, ou melhor Light design.



## EDNA CRAVEIRO

- ✧ Formada em Pedagogia - séries iniciais.
- ✧ Pós graduada em: Orientação Educacional, Ensino Especial, Psicopedagogia Clínica, Psicanálise e em Arteterapia.
- ✧ Arte Educadora
- ✧ Contadora de histórias
- ✧ Artesã - especialista em recursos pedagógicos;
- ✧ Palestrante
- ✧ Escritora
- ✧ Professora da Secretaria de Educação do DF
- ✧ Psicóloga em formação

## **TRAVESSIA**

Travessia é esse passo entre o medo e a coragem,  
é o coração batendo forte diante do desconhecido.

É quando a gente segue mesmo sem mapa,  
confiando mais na fé do que na certeza.

No caminho, encontramos mãos que nos levantam,  
sorrisos que aquecem dias frios.

Gente simples, gente inteira, gente ferida,  
cada pessoa deixando um pouco de si e levando um  
pouco de nós.

Há encontros que viram abrigo,  
e despedidas que viram saudade.

A travessia ensina a amar sem pressa,  
a respeitar o tempo do outro e o nosso.

Ensina que ninguém caminha sozinho,  
mesmo quando parece estar só.

No meio da ponte, nascem sonhos novos,  
alguns tímidos, outros cheios de coragem.

Sonhos de casa, de paz, de riso fácil,

sonhos de um mundo mais justo e humano.

Aprendemos a ouvir mais e julgar menos,

a olhar nos olhos e estender a mão.

Cada passo carrega esperança,

cada queda traz aprendizado.

A travessia também é perdão,

é recomeço, é escolha diária.

É amor que se constrói no detalhe,

no cuidado, no respeito, no abraço.

É entender que o outro tem sua própria luta,

e ainda assim caminha ao nosso lado.

No fim, percebemos que não mudamos de lugar,

mudamos por dentro, e isso é a maior travessia.



**ELIANA CORDEIRO**

Eliana Cordeiro - Professora, Pedagoga e Escritora. Atuou na Rede de Educação Pública. Possui desde 2015 um blog ([licordeiro.blogspot.com](http://licordeiro.blogspot.com)) onde compartilha reflexões e opiniões sobre fatos, pessoas e acontecimentos do cotidiano.

Perfil no Instagram: [@licordeiro\\_mundiando](https://www.instagram.com/licordeiro_mundiando)

## **MATURIDADE**

Amadurecer é revisitar a própria vida como se fosse um filme. É enxergar tudo com mais calma, firmeza de propósitos e uma compreensão mais profunda das pessoas e do mundo.

Mas, amadurecer nem sempre é um exercício confortável. Para alguns significa lembrar os incômodos do passado como as discriminações, desrespeitos, assédios e feridas que marcaram e não se apagam com facilidade. Ainda assim, há um alívio perceber que hoje existem leis capazes de reconhecer essas violências e nos proteger delas.

A maturidade nos faz recordar, com carinho, um tempo em que a infância era vivida sem grandes preocupações ou responsabilidades. Era importante estudar e ter respeito à escola, aos professores às instituições.

É agradável lembrar-se de uma infância em

que se podia brincar na rua até tarde e só pensar em voltar para casa quando ouvia a mãe gritar, pela terceira vez, que ia meter o chinelo.

É trazer a memória uma juventude forte e invencível, para trilhar alguns caminhos e logo perceber que a insegurança dessa fase sempre atrapalhava as escolhas. Ainda assim, continuava tentando, errando e aprendendo com os erros.

Era acreditar em príncipe encantado, encantar-se, apaixonar-se e desencantar-se. E agora, rir de tudo isso, e até agradecer por ter se livrado de certas situações ou constrangimentos. Depois, aprender a ser mais seletiva e a se colocar em primeiro lugar.

O bom de chegar à maturidade é não se privar daquilo que dá prazer. E não se importar com a opinião de qualquer um, mas apenas com a daqueles que realmente importam. É não precisar ou não querer ouvir conselhos de ninguém, oferecendo-os

apenas a quem desejar recebê-los e principalmente, não sofrer com o que não está ao seu alcance.

Amadurecer é não se cobrar por um corpo perfeito, mesmo ele seguindo seu curso natural, sujeito à vida e à gravidade. É se olhar no espelho, gostar do que vê e se reconhecer.

E tornar-se uma pessoa mais forte, usando todas essas experiências para construir uma vida melhor, sem traumas, mágoas ou amarguras. É ter a oportunidade de se reciclar e acreditar na vida, porque esta sim é uma dádiva.



**ELIANE CRISTINA**

Eliane Cristina aprendeu com as palavras a rir e a chorar. Viaja pelo tempo por uma passagem secreta, descoberta em memórias e nos livros, seus amigos de primeira hora. Na vida, o sentido é não esquecer que tudo passa, mas as palavras... ah! as palavras, essas se unem com outras e permanecem em todos os tempos, são imortais.

## **COREOGRAFIA DO VAZIO**

Tenho tantas novidades para te contar...

Sim, posso resumir.

Sei que seu tempo é curto.

Imagina que eu...

Entendi, você tem reunião daqui a pouco...

Precisa acabar uma nota.

Coisa rápida eu sei, eu espero.

Será que agora posso falar?

Ainda não...

Você precisa meditar por dez minutos.

Vai em frente. Te espero.

Que tal agora?

Você vai terminar a aula de inglês online para não perder o foco...

Sei como é... o foco.

Agora podemos nos sentar para eu te contar?

Melhor em pé... para não perder tempo.

Claro.

Escuta: eu agora sou escri...

Precisa atender o telefone...

Atende. Espero.

Desligou?

Quero te contar que eu ganhei um prêmio de...

É hora da reunião agora?

O que quero te contar?

Queria...

A novidade envelheceu a espera da tua escuta...

Boa reunião...

Se te espero sair?

Posso não!

O tempo me convidou para buscar outro lugar

A escuta e...

Lá eu vou poder falar!

E você?

Não sei...

Outra hora você me conta...



### **ELIZ VIEIRA**

Sou Eliz Vieira Ferreira (Nome de Registro: Eliziaria Vieira Ferreira). Nasci em Jacarepaguá/RJ, em 1972, e meus pais se chamam Mario Alves Vieira e Acácia Dutra Vieira. Sou casada com Sergio Paulo Ferreira e tenho três filhos lindos que amo: Carolyn, Natã Paulo e Paulo Felipe. Sou Professora, Compositora, Cantora, Missionária, Artesã, Empreendedora, Empresária e Escritora. Atuo como Diretora dos Projetos Sociais: “Conquistando o Impossível”, “Biblioteca Comunitária Fonte do Saber”, “Jameleira Literária” e “Projeto Florescer” (Mulheres/empreendedorismo) em Duque de Caxias/RJ. Secretária na ONG Projeto Missionário REAJA (Sergipe) - Embaixadora do Projeto Gere Vidas no Rio de Janeiro - Autora dos livros “A Jameleira Literária”, “Acácia Raízes do Amor que Florescem”, “Devocional Florescer “. Co-autora do livro “Perdoando o Imperdoável”. Participação nas Antologias - "Amor e Esperança", "Sentimentos Escritos ", "Entre Páginas e Versos ", “O Jardim Secreto” e “Farol das letras” - Editora Panóplia.

## **FAMÍLIA: PROJETO DE DEUS**

Família é projeto do céu,  
Desenho eterno do Criador.  
Não nasceu do acaso da terra,  
Mas do sopro santo do amor.  
Antes que houvesse caminhos,  
Antes da dor e da cruz,  
Já estava escrita na promessa  
A casa firmada em luz.  
Família é abraço que cura,  
É colo em meio à aflição,  
É mesa com pão repartido  
E joelhos dobrados em oração.  
É aliança que vence o tempo,  
É perdão que insiste em ficar,  
É laço que o mundo não rompe,  
É raiz que aprende a amar.  
Quando o vento sopra forte  
E a tempestade quer derrubar,

É no altar do cotidiano  
Que Deus começa a restaurar.  
Família não é perfeição,  
É construção dia após dia;  
É escolher amar de novo  
Mesmo quando falta harmonia.  
É projeto que nasce no céu  
E floresce aqui na terra,  
É semente de eternidade  
Plantada em meio à guerra.  
Se Deus é o centro da casa,  
Há direção mesmo na dor;  
Porque família é promessa viva,  
É reflexo do Seu amor.



## ESCRELETRO

Escreletro é escritora e poeta brasileira, contista e antóloga. Sua escrita percorre temas como identidade, trauma, amor, reconstrução. Transita entre poesia e prosa, transformando vulnerabilidade em linguagem. Em 2026, seu pseudônimo ganhará novos espaços no cenário independente.

## VALE A PENA AMAR DE NOVO

O nome da senhorinha negra e de cabelo crespo farto era Helena. Gostava de assistir novelas à tarde. Com *Terra Nostra*, treinava italiano; com *Chocolate com Pimenta*, costurava roupas dos anos 20; com *Cravo e a Rosa*, comia queijo; e com sua predileta, *Por Amor*, ouvia um MPB gostoso. Adorava quando chamavam "Helena!" Pensava:

*"Ah, se eu ainda vivesse um amor assim!"*

Há muito tempo, a senhorinha escrevia historinhas de romance, em que uma Helena das novelas encontrava seu amor e, apesar de enfrentar dificuldades, era feliz no final. As histórias eram diferentes umas das outras, mas sempre terminavam assim: em final feliz. Escrever era seu hobby, sua paixão — e ela não contava a ninguém. Guardava tudo embaixo do colchão.

Certo dia, dona Helena resolveu tirar uma soneca

depois do almoço. Um vento forte agitou as portas e janelas e encheu o quarto de um perfume conhecido. Ela sorriu em seu sonho, trocou de posição e suspirou. Em sua mente, a canção-tema da novela favorita:

*Se eu pudesse por um dia*

*Esse amor, essa alegria*

*Eu te juro, te daria*

*Se pudesse, esse amor todo dia...*

Balbuciando a letra, ergueu-se e levou um baita susto quando virou para a esquerda. Era o próprio Antônio Fagundes.

– Meu bem...

– Atílio?

– Comigo você vai viver seu romance, querida... Serás feliz.

Atílio era o grande amor de Helena. Claro, em *Por*

*Amor.* Na realidade, a Helena crespa tinha perdido contato com um namorado recente: Valdir. Era um senhor muito respeitado no Ceará, dono de um restaurante na orla que servia camarão ao alho e óleo com farofa – agradava tanto os turistas quanto os fortalezenses. Dona Helena sabia que não havia justificativa para não aparecer lá com o vestido bordado que Valdir tinha lhe dado no mesmo dia em que se declarou:

– Você foi a única mulher que amei desde que minha Maria morreu.

Mas dona Helena fugiu. Como fazem nas novelas. Por quê? Medo de que os filhos não entendessem. Seu Valdir agora era o protagonista de todos os seus romances, mas ela ainda não reunira coragem de contar aos filhos que estava apaixonada. Corria o risco de perder o homem que amava – e sabia disso.

– Ele também foi o único que amei desde que perdi o pai dos meus filhos... – dizia para si mesma,

diante do espelho.

Emocionada, dona Helena decidiu procurar Valdir. Não ficaria com Atílio naquela história. Não era com ele o seu romance.

– Antônio, tenho que ir – disse ao homem que estava na cama. – Deixei um moreno triste e... até o perfume dele veio atrás de mim! Vou acertar isso de uma vez por todas.

Enxotando o confuso Atílio do quarto, vestiu o vestido bordado. Foi em direção à orla. Ouvindo o forró e sentindo o cheiro de camarão, soube que chegara ao lugar certo. Seu Valdir estava varrendo a calçada e a reconheceu de imediato.

– Sempre achei que não gostava do vestido. Nunca voltou, e eu mandei bordar com todo o carinho. Significa muito pra mim. E eu significo pra ti muito pouco...

— Valdir, aprendi. Nosso romance é como nas histórias da TV, cheio de idas e vindas. Ainda assim, meu velho, terá um final feliz. É contigo que quero ficar.

Abraçando-o, dona Helena deu um beijo no pescoço perfumado do namorado e cantarolou o resto da música:

*Se soubesses como eu gosto*

*Do teu cheiro, teu jeito de flor*

*Não negavas um beijinho*

*A quem anda perdido de amor...*



**GILDO SOUZA**

É professor, graduado em Ciências Biológicas, graduado em Filosofia e pós-graduado em Gestão Ambiental. Começou a lecionar em 2003, e no ano seguinte passou a trabalhar com o Fundamental 2. Entusiasta da leitura, incentiva-a em todos os espaços. Nas horas livres escrevia sobre sua vida profissional, e mais recentemente tem participado de antologias literárias.

Instagram: @gildosouza18

## O DIA EM QUE NADA ACONTECEU

Naquele dia, nada aconteceu.

Não houve telefonemas inesperados, nem cartas antigas reaparecendo entre páginas esquecidas. Nenhuma notícia mudou o rumo da semana. O céu amanheceu sem exageros de luz ou ameaça de tempestade. Era um dia perfeitamente comum — desses que chegam sem pedir licença e se acomodam na sequência dos outros.

A manhã seguiu com seu ritmo habitual, seus movimentos previsíveis e suas pequenas repetições que ninguém mais estranha. Os compromissos foram cumpridos pontualmente, sem qualquer entusiasmo. A cidade parecia funcionar no automático, sustentada por gestos repetidos que ninguém mais questiona.

Nenhuma grande decisão foi tomada. Nenhuma ruptura. Nenhuma revelação transformadora. As horas se sucederam com disciplina regular, como se obedecessem a uma coreografia ensaiada. O relógio não se atrasou nem se adiantou; apenas cumpriu seu papel de marcar as

horas.

E, no entanto, algo acontecia – embora ninguém percebesse.

Uma árvore da calçada cresceu milímetros invisíveis. Uma rachadura mínima se aprofundou na parede do prédio vizinho. Um pensamento quase formulado atravessou a mente de alguém e desapareceu antes de virar palavra.

Nada aconteceu – e tudo seguiu acontecendo.

Ao meio-dia, o sol repetiu sua rotina sobre os telhados. À tarde, uma sombra mudou de lugar sem pedir opinião. À noite, as luzes acenderam com a mesma naturalidade de sempre. Pessoas conversaram sobre assuntos pequenos, reclamaram do calor ou do frio, prometeram se falar depois.

Quando o dia terminou, não deixou marcas evidentes. Nenhuma fotografia registrou sua presença. Nenhuma memória o guardou como especial. Ele se dissolveu no calendário como tantos outros.

## *Travessia*

Mas talvez seja justamente assim que a existência se constrói: não nos dias extraordinários, mas nesses intervalos silenciosos, onde nada parece acontecer e, ainda assim, tudo avança.



### **GILSON SALOMÃO PESSÔA**

Gilson Salomão Pessôa é Funcionário Público formado em Jornalismo pela UFJF. Colunista com vários livros publicados, participou de antologias lançadas pela Revista Conexão Literatura e pela editora Panóplia. Dentre os seus livros publicados estão "Terror Não Tem Tamanho", "Terras e Tramas Sertanejas", "O Sapo Tobias (bilíngue)" e "Histórias de Titãs Quebradiços", todos pela editora Panóplia, e "Um Suspiro Resgatado", pela editora Autografia. Ganhou por três vezes o prêmio literário de melhor conto em Matias Barbosa.

## **O AMIGO QUE ESPERA SER ESCOLHIDO**

Há um lugar estranho entre o afeto e o desejo: a friendzone. Não é exatamente um castigo, nem uma recompensa. É mais como uma sala de espera com janelas embaçadas — você vê o que está lá fora, mas não consegue abrir a porta. E, pior: ninguém percebe que você quer sair.

Eu sempre fui bom em escutar. Em lembrar datas, em oferecer conselhos lúcidos, em aparecer quando precisam — sem fazer barulho, sem exigir nada em troca. Talvez por isso as mulheres me acolham com carinho... e me deixem ali, no canto confortável da amizade. Não por maldade. Nunca por maldade. Só porque, para elas, eu não sou aquele tipo de homem. Não tenho o brilho do imprevisível, nem a aura do perigoso, nem a desenvoltura do que parece ter o mundo aos seus pés. Sou só... eu. Presente, sincero, talvez até demais.

E aí vem a ferida silenciosa: a de se sentir invisível como possibilidade amorosa. Como se houvesse algo em mim – ou faltasse algo – que me torna incapaz de despertar paixão. Não raiva, não indiferença, mas simpatia. E a simpatia, nesse contexto, dói mais que o desprezo, porque traz esperança. Uma esperança discreta, teimosa, que sussurra: quem sabe um dia?

Mas “um dia” raramente chega. Porque o amor não nasce da constância sozinha. Ele precisa de tensão, de desejo, de um lampejo de incerteza – coisas que, ao tentar ser o “cara legal”, eu talvez tenha apagado de mim mesmo. Tornei-me seguro demais. Previsível demais. Bom demais para ser desejado.

Com o tempo, comecei a me perguntar: será que quero mesmo ser escolhido só por estar sempre ali? Ou será que mereço alguém que me veja – de verdade – desde o início? Alguém que não precise de uma transformação minha para me querer, mas

que já me ache inteiro assim?

A friendzone, no fundo, ensina mais sobre autoestima do que sobre rejeição. Mostra que amar não é apenas dar-se; é também permitir-se ser visto como opção legítima, não como plano de fundo emocional. E que, às vezes, o maior ato de coragem não é declarar o amor... é parar de esperar permissão para existir nele.

Hoje, ainda me pego às vezes naquela sala de espera. Mas já aprendi a girar a maçaneta. Nem sempre para sair correndo atrás de outra pessoa — mas, principalmente, para voltar a mim mesmo. Porque, antes de ser suficiente para alguém, preciso me convencer de que já sou suficiente por existir.

E quem sabe, um dia, encontrar alguém que não me coloque na friendzone...  
mas me convide logo para dançar.



## GISELE STARCK

Gisele Starck, casada com Jones Carvalho e mãe de quatro filhos da sua alma e coração. Escritora há mais de 20 anos, começou a escrever poesias e romances quando ainda era adolescente e retornou com força total quando completou 18 anos e assim fez da escrita sua maior paixão. Ao longo desses anos seu forte sempre foi romance e escreveu 64 livros, sendo 8 suspenses e 56 romances. Lançando seu primeiro livro físico em 2017, “A Fazenda” (romance), “Reformando Vidas” (romance), “Manipulando seus Pecados” (suspense), “Desvendando seus Pecados” (suspense), “Liberte-me dos Pecados” (suspense), “Apocalipse dos Pecados” (suspense), “Despertar da Alma... Criando Conexões” (romance), “Dança é Vida” (romance), Um Novo Despertar... O Passado Ficou Para Trás. (romance) e Um culpado entre nós (suspense). Também publicou um jogo de detetive com o qual tem vínculo com seus suspenses. E dois diários de uma das personagens da Saga dos Pecados, como se fosse escrito pela personagem. Já participou de várias antologias em Editoras diversas e algumas na Editora Panóplia. Também é membro oficial na AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira) e membro convidada pela FLAL 2025.

## **A CARTA QUE MUDOU O TEMPO**

Sentada à beira da cama, ela abriu a gaveta antiga e encontrou o envelope amarelado. Reconheceu sua própria caligrafia, trêmula e sonhadora. Era a carta que escrevera aos 22 anos, cheia de promessas e desejos para o futuro. As palavras falavam de amor, de um lar, de um homem que a fizesse sentir completa. Falavam de “nós”, nunca de “eu”.

Com 42 anos, ela lia aquelas linhas e sentia o peso de cada escolha. O homem que escolhera com tanto fervor a traíra, roubara-lhe não apenas dinheiro, mas tempo, confiança e brilho. Ela havia se dedicado a ser o alicerce de alguém que nunca quis construir nada com ela. Esqueceu-se de si mesma, de seus sonhos, de sua voz. Tudo em nome de um amor que só existia de um lado.

As lágrimas caíam sobre o papel, borrando as palavras antigas. Um arrependimento profundo a

envolveu, mas também uma estranha sensação de alívio. Era como se, ao encarar aquela carta, algo dentro dela se libertasse. Fechou os olhos, desejando poder voltar no tempo, refazer o caminho, escolher a si mesma. Ela tinha tantos sonhos...

Quando os abriu, o quarto era outro. As paredes tinham pôsteres, o espelho estava coberto de bilhetes coloridos, e o relógio marcava uma hora distante. Correu até o espelho e viu o rosto jovem, a pele sem rugas, os olhos cheios de vida. Tinha 22 anos novamente.

O coração disparou. O destino lhe dera uma segunda chance.

Dessa vez, não escreveria uma carta para o futuro pedindo amor de outro. Escreveria uma carta para si mesma, prometendo nunca mais se abandonar. Prometendo estudar, viajar, rir alto, dançar sozinha, escolher com sabedoria. Prometendo ser sua própria prioridade.

Ela desperta, e percebe que tudo não passou de

um sonho, mas lembrava da carta que havia escrito quando jovem, percebeu que foi seu subconsciente que a lembrou e que em seu sonho, ela tinha uma oportunidade de começar. Ainda com aquela sensação leve que teve no sonho ao perceber que teve uma segunda chance, ela se levanta e fica frente ao grande espelho que tem em seu armário. Não era mais jovem, mas se sentia revigorada e pronta para recomeçar.

Pegou uma nova folha e começou a escrever:

“Querida eu, desta vez, o amor começa por aqui estou pronta para fazer a travessia e viver tudo aquilo que mereço”.



### **IOLANDA MERCANDALE**

Contadora, pós-graduada em Controladoria, atuou por 16 anos como professora de Ensino Técnico Profissionalizante e de Ensino Superior em cursos da área de Ciências Sociais. Atua como perita judicial contadora desde 1993. Coautora do livro “Roteiro Prático de Perícia Contábil Judicial”, publicado pela Editora Juarez de Oliveira em 1998. Coautora de 5 Antologias da Editora Quimera.

## **SENTIDO**

Sinto sua pele quente  
em minha pele abandonada.  
Sinto seu beijo doce  
na amargura de minha solidão.  
Sinto seu corpo doente  
e sofro porque está distante.  
Sinto sua alma sadia  
e amo você de longe.  
E quando o relógio anda  
eu vejo você morrendo,  
e sinto minha tristeza  
na falta de seu sorriso,  
e sinto você chegando,  
e sinto você partindo.



## ÍSIS ESTEVES

Ísis Esteves nasceu no município fluminense de Duque de Caxias, mas mora no Rio de Janeiro. Tem 18 anos e muitos diagnósticos, mas gosta de se definir apenas como uma jovem autista. Curiosa, interessa-se por muitos assuntos, seu passatempo preferido é aprender coisas novas: costurar, escrever, falar novos idiomas, experimentar diversas linguagens artísticas e adentrar nas artimanhas da História e das Ciências. Participou das antologias “Sentimentos escritos” e “Entre Páginas & Versos”, publicadas pela Editora Panóplia; “Mães atípicas: e depois do diagnóstico?”, publicada pela Editora Metanoia e da Antologia “Modos de ser criança e de viver infâncias” do COLEI/UERJ. Participou como poeta convidada nos eventos Flinfâncias (edições online e presencial), Samba Literário e Poexistência. Participou com sua mãe da live “Setembro amarelo e as potencialidades de uma vida atípica” com a psicóloga Rosa Dias. Na infância comandou, junto com sua irmã gêmea, Laís, um canal literário no YouTube, o “Prosinhas Literárias com Laís e Ísis”, onde compartilhavam suas leituras com o público infanto-juvenil.

## **CHORA**

Chora.

Ela chora.

Eu choro.

Nós choramos.

A cortina azul cai.

E choro

com esse simples gesto.

E você não chora.

## **DEIXA**

Deixa.

Deixa o vazio falar.

Deixa o silêncio falar

No seu lugar.



## **JONATHAN FRANCKIEVERTON DA SILVA**

Graduando em Letras - Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus IV, possui uma formação acadêmica em construção aliada a uma consistente experiência prática na área educacional. Atua no ensino da língua portuguesa nas redes pública e privada de educação básica no município de São Miguel dos Campos (AL), onde desenvolve seu trabalho com dedicação e compromisso. Natural de Campo Alegre (AL), mantém um vínculo significativo com a região, na qual cresceu e atualmente contribui de forma ativa para o fortalecimento da educação local.

## **BANHO DE RIO E JOELHO RALADO**

Minha infância no interior não tinha internet, mas tinha estrada de barro, pé no chão e tempo de sobra. A gente acordava cedo e já corria pra rua, como se o dia fosse acabar rápido demais. Brincava de bola descalço, soltava pipa feita de papel de caderno e disputava quem subia mais rápido no pé de manga, quase sempre com queda garantida.

Quando o sol apertava, o destino era certo: o rio. Banho de rio era festa. A água gelada assustava no começo, mas logo virava alegria. A gente pulava da pedra, fingia ser peixe, fazia competição de quem ficava mais tempo debaixo d'água e voltava pra casa com o corpo molhado e a alma leve.

Não tinha relógio, nem celular. A hora de ir embora era marcada pelo grito da mãe ecoando longe ou pelo céu ficando alaranjado. Eu voltava cansado, sujo de barro, com o joelho ralado e o coração cheio. Hoje, quando lembro disso tudo,

penso que talvez a melhor conexão da minha infância não era com a tecnologia, mas com o rio, a terra e a liberdade de ser criança.

## **EU, ELA E O SUOR DA PAIXÃO**

Eu era um garoto tímido do interior, tímido num nível que, quando eu via a menina que gostava, meu corpo entrava em modo de emergência. Suava como se estivesse capinando roça ao meio-dia, a mão tremia, a perna falhava e a língua simplesmente tirava folga.

Quando ela aparecia, eu fingia naturalidade, o que, no meu caso, significava encarar o chão com muita concentração. Se ela dissesse “oi”, eu respondia “oi” duas horas depois, já em casa, arrependido. O coração batia tão forte que dava medo de alguém ouvir e perguntar se eu estava carregando um pandeiro no peito.

No interior, paquera era discreta. Eu não chegava perto, mas passava perto. Não falava nada, mas olhava rápido. Quando precisava mandar recado, eu acionava a rede de fofoca oficial: primo, vizinha, amigo e, se desse, até a rádio comunitária. Mesmo assim, quando ela sorria pra mim, eu ficava vermelho igual tomate de feira.

No primeiro encontro, fiquei tão nervoso que suei frio, quente e morno ao mesmo tempo. O aperto de mão parecia entrevista de emprego e o beijo foi rápido, torto e cheio de medo, mais medo da mãe dela do que do próprio amor. Voltei pra casa feliz, fedendo a nervosismo e achando que tinha vivido a maior aventura da minha vida.

No interior, amor de menino tímido é assim: não fala muito, não age direito, mas sua, treme e sofre com dedicação. E, mesmo passando vergonha, ainda acha que vale a pena.



### **JULIANA CUSTÓDIO SOARES DA COSTA**

Nascida em 29 de Abril de 1982 em Londrina - PR. Casada. Graduada em Secretariado Executivo pela Universidade Estadual de Londrina e Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais - Libras e Literaturas Brasileira e Surda pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Especialista em Metodologia da Ação e RH: Gestão de Pessoas e Competências. Recentemente retomou seu hábito de escrever com base em suas próprias histórias de vida.

## **PRESENTE DE NATAL**

Tudo aconteceu em Dezembro daquele ano em uma cidade agitada no interior do estado de São Paulo, onde Kenya da Silva, ocupava um dos mais altos cargos na empresa em que trabalhava, liderava uma equipe de 50 pessoas e ainda assessorava o CEO da organização, Senhor Oliveira.

Kenya se encontrava no auge de sua carreira profissional aos 42 anos, almejou muito isso, investiu anos de estudos e muito esforço para conquistar esta posição, só não esperava que toda demanda do dia a dia, a pressão por resultados a fariam viver um esgotamento físico e emocional excessivos, ela sabia que precisava fazer uma pausa, mas naquele momento se sentia responsável por tudo, tinha que continuar firme, não poderia parar, pois quem iria realizar suas atividades, organizar seu trabalho se ela não estivesse ali, ela sentia que tinha demorado muito para conquistar este reconhecimento, portanto

se dedicava muito ao que fazia. Com isso, Kenya se afastou de sua vida social, happy hours com seus amigos, não tinha tempo para praticar esportes, sua alimentação ficou condicionada a fast foods e nem suas orações diárias ela conseguia fazer, pois chegava em casa tão cansada que só queria se isolar e dormir.

Fora toda esta situação no trabalho, havia seis anos que Kenya estava casada, eles desejavam muito a vinda de um filho, porém em todo este período as tentativas haviam sido vãs, o tempo parecia passar ainda mais rápido, a idade chegava... os inúmeros exames de fertilidade dela e do marido não mostravam nenhuma alteração e pra completar, seus familiares viviam na cobrança querendo saber quando o bebê ia chegar, por sorte ela não tinha mais tempo para os almoços familiares nos fins de semana, se sentia feliz, pois era uma forma de fugir dos comentários e especulações acerca dos filhos.

Seu marido a apoiava muito em sua carreira,

mas se preocupava também com o bem estar da esposa e percebia que ela andava exausta nos últimos dias.

Naquela manhã de dezembro, toda movimentação e preparação para o Natal apertando de todos os lados, Kenya chegou ao trabalho e já se deparou com o Senhor Oliveira na sala dela, querendo saber se estava tudo certo com a programação da viagem de férias dele com a família. Kenya revirou os olhos, respirou fundo, abriu um sorriso e respondeu que sim, em seguida, o CEO começou a disparar sua lista de solicitações e reclamações.

Kenya sentiu seu estômago embrulhar, sua visão ficar turva e começou a perder os sentidos e tudo começou a apagar ao seu redor, neste momento ela desabou, caiu desacordada no chão de seu escritório.

Dois dias se passaram e quando Kenya acordou percebeu que estava em um quarto de

hospital, com seu marido a observando ao lado da cama, ele, com um sorriso alegre e acolhedor disse: “Olá, Bela Adormecida!”.

Kenya acelerada como sempre, não se lembrava do que tinha acontecido e queria saber o motivo de estar ali, calmamente o marido de forma amorosa começou a contar tudo que havia acontecido, ela teve uma estafa devido à vida que estava levando nos últimos meses.

Neste momento, chegaram flores em seu quarto de hospital com um pacote de presente bem pequeno, Kenya recebeu, leu o bilhete, era de seu chefe desejando boa recuperação e informando que estava saindo de férias. Quando ela abriu o embrulho do presente se deparou com um pequeno livrinho, era um devocional com orações e reflexões diárias.

Naquele momento, Kenya revirou os olhos, teve vontade arremessar o presente na parede e pensou: “Dedico meus dias, minha saúde e minha

vida àquela empresa e é isso que ganho...”.

Ainda precisaria permanecer alguns dias em repouso, para que pudesse restabelecer sua saúde, sem ter alternativa Kenya começou a ler diariamente seu devocional e a cada dia que passava, fazendo as reflexões e orações diárias percebeu que poderia reorganizar sua vida.

Ela sozinha não foi capaz de parar, mas uma força Divina a travou no momento certo. E mesmo sem querer, através daquele humilde presente de natal ela pode também ressignificar sua carreira, seus sonhos e toda sua vida, ela percebeu que pode ser bem sucedida, sem deixar de ser esposa, amiga, familiar e quem sabe em breve mãe.



### **KARINA OLIVEIRA**

Karina Oliveira é professora e autora dos livros "Nina e as Sapatilhas Flutuantes" e "O Jardim Mágico da Amizade". Também participou das antologias "Cantando Auroras", "Amor e Esperança" e "Sentimentos Escritos", pela editora Panóplia. Participou de várias feiras literárias como a 27<sup>a</sup> Bienal, que aconteceu em São Paulo. É palestrante e poeta. Apaixonada pela Arte e pela Educação, umas das suas qualidades é não desistir de seus sonhos. Se você pode sonhar, você pode realizar!

## **TUDO PASSA**

A travessia do rio foi dificultoso... Mas não do rio físico, o rio das emoções...

Um dos maiores aprendizados para mim, é o de liderar a si mesmo, o de se reencontrar.... A fase adulta é uma montanha russa, a crise dos 20, 30, 40 e poucos anos...

O de se comparar, de achar que estamos atrasadas(os) por não ter conquistado tudo que almejamos ainda....

Às vezes o peito aperta, falta o ar...

Mas.....

Sempre tem o outro dia, que podemos ressignificar essa dor, que podemos ser gentis conosco, que a cobrança pode ir diminuindo, e a leveza, aos poucos, vai sendo a nossa grande aliada!!!!

É possível voltar à sonhar, é possível voltar à sorrir...

Porque viver, é diferente de estar vivo...

E, TUDO PASSA!!!



**LEANDRA MOREIRA**

Funcionária Pública, formada em Gestão Ambiental, com especialidades em Sustentabilidade e Políticas Públicas e Gestão do Sistema Único do Serviço Social. Graduanda em Administração pelo Instituto Federal do Sudeste/MG - Campus Rio Pomba, e Serviço Social em uma universidade particular. Já participou de diversas antologias e prepara seu livro solo.

## TEM SOLUÇÃO!

*Uma homenagem aos Coordenadores e participantes  
do grupo Acolher do Espaço de Convívio de Tabuleiro/MG.*

Começa com um afastamento, uma vontade de ficar só. Até virar dias trancados em um quarto solitário.

A força diminuiu os afazeres já não flui.

Os dias perdem a beleza e é entregue a fraqueza.

Causado por uma perda seja de qualquer proporção, uns acham frescura, mas a medicina sabe que é depressão.

A luta diária, para resistir, o aperto no peito a persistir, dormir?

Ou insônia em noites vazias em que a cabeça ameaça a vida.

Só quem passa compreende, uns perdem a batalha, mas muitos vencem.

Tem solução! Seja na terapia, medicação ou na oração.

O sol pode voltar a brilhar, a alegria, sim! Ela vai voltar.

Basta ter fé e acreditar que a amargura que tira o compasso o rítmicos harmonioso do coração não pode vencer quem crer.

Quantos aos altos e baixos eles sempre vão ter. Mas prossiga, pois você ainda tem muitos motivos para viver.

Confie não é em vão sua passagem terra, em algum lugar tem um afetuoso abraço que lhe espera.

E um novo dia nascerá depois que a tempestade cessar.



### LETÍCIA ALMEIDA

Letícia Almeida, paulista de nascimento e brasiliense de coração, atua como enfermeira em Brasília. Também formada em psicanálise, encontrou na escrita um meio de expressar sua criatividade aliada a uma forma peculiar de vivenciar os mistérios da vida. Autora do romance indígena *“Mulheres de água doce,”* do conto *“Match de areia”* publicado na coletânea *Toda forma de amor* e do conto *“Asa rasgada”* incorporado à antologia *Enquanto houver sol*.

## **MALA VAZIA**

Clara havia planejado aquela viagem há muito tempo. Pela primeira vez tinha a oportunidade de viajar sozinha novamente. Na juventude chegou a conhecer todo o interior de Minas com apenas uma mochila nas costas. Diamantina, Ouro Preto, Tiradentes... Banhos de cachoeira e acampamentos na beira do rio, ora sozinha, ora com uma trupe, faziam parte de algumas boas recordações da época. Foi em uma dessas viagens que conheceu Augusto. Alto, corpo atlético e cabelo comprido, chamou sua atenção logo de cara com seus belos olhos verdes que mais pareciam duas esmeraldas. Atencioso, a tratava como um cristal frágil fazendo com que se sentisse especial ao seu lado. Logo ela que havia sido tão negligenciada pelos pais. Filha do meio de um casal disfuncional e invisível na infância, bom comportamento e notas altas não foram suficientes para que recebesse o amor devido. Aos dezoito anos

desistiu de esperar afeto e saiu de casa. Estudou fora, sobreviveu a grandes percalços, porém hoje, aos 54 anos, entendia que isso havia lhe trazido amadurecimento. Com o coração duro, é verdade, porém resistente às trombadas da vida. Havia sobrevivido a um câncer, à morte recente de Augusto e à perda da primeira casa em um incêndio, portanto a sensação de ninho vazio em que se encontrava atualmente não a assustava. Aquela pequena viagem seria um marco de uma nova fase de sua vida.

Arrumou suas roupas na mala verde comprada exclusivamente para esse fim. Quatro vestidos, duas calças jeans, o velho macacão estampado que não amassava nunca, algumas camisetas e um par de sandálias. Não queria carregar peso em excesso, já bastavam as pedras que tinha juntado no coração ao longo de todos aqueles anos.

Pediu um táxi, chegou na rodoviária. Sentiu-se bem por ser apenas mais um rosto na multidão. O

anonimato era leve. Cada pessoa trazia uma história singular envolta aos seus pertences na mala. Clara ficou imaginando como poderia ter sido a vida de cada um daqueles passageiros de acordo com a bagagem que levava. A moça alta, de vestido decotado e salto levava uma mala tão grande quanto sua altura. Devia estar repleta de roupas chiques, maquiagens e acessórios, pensou. “Ainda não aprendeu a desapegar de nada”, julgou com ar de superioridade. Uma família, com quatro crianças pequenas carregavam muitas malas, além de sacolas plásticas e bolsas menores. Lembrou-se das dificuldades dessa fase da vida, em que a mulher vive anulada em função de suas crias. “Ao menos tinha tido apenas dois filhos,” suspirou agradecida.

O motorista chegou e pediu para que os passageiros formassem uma fila enquanto iniciava a conferência das passagens. Um a um subiam e sentavam-se em seus respectivos lugares. Clara havia comprado a poltrona dezenove, idade em tinha

conhecido Augusto. “Talvez esse número pudesse dar sorte para a viagem”, devaneava quando a moça da bilheteria a pediu que escolhesse seu assento. Subiu as escadas do ônibus e procurou pela poltrona dezenove. Acomodou sua bolsa de mão e seu casaco no guarda-volumes superior e olhou pela janela. O motorista deu partida e aos poucos a rodoviária foi se distanciando até que o ônibus adentrou pela estrada. A paisagem começava a mudar e aos poucos o sinal de civilização desaparecia. Agora eram só morros e árvores, nenhuma casa a vista, nenhum comércio nem criança brincando na rua. Enfim, a solidude plena de um momento único e aguardado.

Uma chuva fina, daquelas que só servem para deixar o clima ainda mais abafado, começou a cair. Precisou fechar a janela e aproveitou também para fechar os olhos. Talvez conseguisse tirar um cochilo, o que tornaria a viagem mais rápida. Ansiava pela chegada dentro de algumas horas. Tinha reservado um quarto em uma pousada simples, porém muito

aconchegante. Pesquisou sobre os passeios que poderia fazer, soube que teria uma exposição de flores naquela semana. Lembrou-se da piscina e se imaginou dentro dela no final da tarde enquanto admirava o pôr do sol. Era mês de maio, fora de temporada, provavelmente haveria poucos hóspedes, o que proporcionaria dias tranquilos, de silêncio e encontro consigo mesma.

A chuva ficou mais forte e em pouco tempo não se conseguia enxergar mais nada do lado de fora do ônibus. O motorista reduziu a velocidade e pediu para que todos os passageiros permanecessem sentados. Clara observou algumas senhoras apreensivas, outras já histéricas, bebês chorando e, em poucos minutos, um clima de tensão dominou todo o ônibus. Estava mergulhada em seus pensamentos quando o motorista perdeu o controle e o ônibus derrapou em uma curva. Ouviu gritos, um grande estrondo e, em poucos segundos, o cheiro de gasolina e sangue dominou o ambiente. Os gritos se

intensificaram. Olhou ao seu redor e observou algumas pessoas bastante machucadas, outras desmaiadas, ou quem sabe, até mesmo mortas. Poltronas de cabeça para baixo escondiam rostos ensanguentados. Sentiu um alívio ao perceber que conseguia mover-se sem grande dificuldade. Ajudou um senhor a soltar a perna que havia ficado presa no cinto de segurança. Pela forma que gritava provavelmente teria fraturado, pensou. Conseguiu abrir sua janela, que agora mais parecia o teto do ônibus pela posição que tinha caído e se esforçou para conseguir sair. Por sorte o celular em seu bolso de zíper parecia intacto. Discou 192 e relatou o acidente.

O bagageiro do ônibus se partiu com o impacto e todas as malas estavam caídas na estrada, abertas e com seus pertences misturados. Roupas, toalhas, sapatos, objetos dos mais variados, todos jogados e molhados no asfalto. A chuva continuava caindo, mas Clara já não sentia a água fria escorrer

pelo corpo extasiado. Apesar do pânico da maioria, sentiu-se grata por estar viva e com poucos arranhões. Talvez quando se despisse percebesse alguns machucados e hematomas, porém, naquele momento, era só o sentimento de alívio que perdurava em seu corpo. Por um breve instante, imaginou que a vida de todas aquelas pessoas havia se cruzado brevemente, entrelaçando suas histórias da mesma forma que aquelas roupas no asfalto. Haviam vivido o mesmo momento de terror, porém cada passageiro encontrou o destino que o aguardava naquele dia. Clara reconheceu sua mala verde, amassada, porém vazia. As rodinhas ainda permitiam que fosse puxada pelo asfalto. E então seguiu pela estrada com a intenção de conseguir carona logo mais à frente. Holambra estava a sua espera com suas flores e seus moinhos de vento.



### **LUCIANA PINHEIRO OLIVEIRA**

Luciana Pinheiro Oliveira, nascida na cidade de Entre - Rios/Bahia em 1978, e criada em Salvador, construiu uma trajetória que une formação acadêmica, serviço público e literatura. Administradora de Empresas, com pós-graduação e MBA. A escrita entrou em sua vida na adolescência. Em 1996, no CEFET-BA, a influência da Prof<sup>a</sup>. Luciana Castro foi decisiva para sua formação literária. Ela foi selecionada em 35 Antologias e 10 Publicações em Revistas Literárias.

Instagram: @lunetpinheiro

## JORNADA DAS ÁGUAS

Seguro na sua mão, perante a margem  
Na turbulência das águas doce  
O medo atíça as pupilas do seu olhar  
Ao me encontrar naquele lugar.

Nós nos conhecemos nestas mesmas margens  
Em um tempo outrora, onde as águas eram fluidas  
O meu desejo era permanente, e o seu estritamente frágil  
Era um momento delicado, descompensado  
Você nem me disse adeus, eu seguir sem saber  
Qual seria a travessia desejada por você.

Nesta jornada inquieta da vida  
O ponto mais seguro entre nós, foi a decisão de partir  
Reconheço em ti, a fluidez que fez você seguir  
Passei por desconhecida nesta sua jornada da vida.

No balanço das águas: limpa, incrédula, saborosa  
Insinuava a sua chegada em todo pôr do sol, reluzente  
E eu carente, você desesperadamente ausente.

Lançava rosas nestas mesmas águas  
Sentindo o aroma de Seiva na brisa leve  
Sonhava um dia te encontrar, neste mesmo ar  
Suave, rico em essência, descia sobre mim  
A paz que tanto almejava.

Sinto o resvalar sobre as pedras  
Você a me encontrar, de joelhos você estar  
Estendendo as mãos a me amparar  
No descuido do balançar das ondas deste mar  
A jornada que tanto almejei, era ter você assim  
Na presença das águas serenas, com as Bençãos de  
Yemanjá.



**LUIZ EUDES**

Luiz Eudes é escritor e roteirista. Sócio da Casa do Poeta e da Academia de Letras de Alagoinhas, da União Baiana de Escritores e da União Brasileira de Escritores (SP).

## **RESPEITO À TERRA E AOS ANCESTRAIS**

As esculturas de Ronaldo Barros são um testemunho poderoso da riqueza cultural que permeia sua obra. Originário do talho na madeira, Dededo transforma cada bloco em uma narrativa única, onde a história e a tradição se entrelaçam em formas que evocam a memória de seus antepassados. Seu trabalho é uma conexão profunda com suas raízes, refletindo a herança cultural que carrega.

A carga cultural presente nas esculturas de Dededo é palpável. Cada peça homenageia a matriz indígena, visível em cada detalhe esculpido. A força dessa influência ressoa em suas obras, que captura a essência da cultura indígena e sua relação intrínseca com a natureza. As formas e texturas que emergem de suas esculturas falam de um respeito profundo pela terra e pelos ancestrais, tornando seu trabalho um verdadeiro ato de

reverência.

Dededo é um artista cujas obras estão espalhadas por diversas cidades brasileiras e até mesmo em países estrangeiros, levando consigo uma mensagem de identidade e tradição. Sua capacidade de dialogar com diferentes públicos e contextos é uma das marcas de seu talento, permitindo que suas esculturas se tornem emblemas da cultura brasileira em palcos internacionais.

O legado artístico e cultural de Ronaldo Barros, o Dededo, permanecerá presente entre as gerações vindouras. Suas esculturas são portadoras de histórias, valores e saberes que precisam ser preservados e valorizados. Ao contemplar suas criações, percebemos a importância de honrar as tradições que nos moldam. A arte de Dededo é o diálogo e a celebração de nossas raízes.



## LUZZ SOUZZA

Luzz Souza é uma escritora baiana que reside na cidade de Ribeira do Pombal, ela é coautora em mais de setenta antologias, compartilha suas experiências como mãe em sua coluna no Site *Alimentando com Amor* e é autora do romance “Alexei por um instante” publicado pela Editora Merari Tavares. Luzz Souza gosta de ler, desenhar e ver séries.

## **A CRONISTA**

Decidi começar a cronicar.

Não tenho muita prática nessa área, por isso, já de antemão peço desculpas ao leitor se por um acaso eu começar a mudar de caminho e ir para outras bandas e acabar pisando no terreno de outros gêneros literários. Por obséquio, tenham compaixão e torçam para que eu consiga voltar para o caminho certo.

O fato é que já tenho alguma prática contando histórias e criando mundos e criaturas fantásticas ou assustadoras, porém, recentemente fiquei mais velha e por algum motivo que no momento desconheço, decidi fazer algo diferente! A ideia de cronicar já havia surgido em minha mente outras vezes, mas eu sempre deixava a pobre infeliz de lado, lá no canto, não sei exatamente porquê! Talvez por medo de que cronicar me levasse a ter que escrever coisas que eu não queira escrever, afinal, falar dos meus monstros e das minhas fadas é bem mais fácil do que falar de

mim, e quando um escritor começa a cronicar, a tendência é expor um pouco do próprio coração. No entanto, a ideia voltou novamente! Toda tímida, com um sorriso amarelo e cheia de medo de ser lançada novamente no canto escuro de minha mente, mas desta vez eu a deixei sob a luz e disse:

– Venha, querida! Sente-se aqui, com seus irmãos mais velhos!

E desde então, anseio em desbravar novos caminhos e quem sabe descobrir um novo talento?

Veremos.

Me parece que cronicar é bem divertido, ou pelo menos foi a impressão que tive quando li as crônicas de grandes autores! Não que esteja me comparando a eles, os imortais! Mas quem nunca se inspirou em outra pessoa, e acabou descobrindo que o mundo poderia ser mais interessante?

Então eu, mera mortal e esquecível, quis

experimental algo que os imortais já faziam sem muito esforço e quem sabe um dia eu venha a descobrir segredos da vida assim como eles descobriram?

Quem sabe?

E como eu já havia comentado, me deu vontade de cronicar depois que fiquei um ano mais velha. Tempos antes, eu achava que ficaria triste e deprimida, até porquê era isso o que acontecia quando eu fazia aniversário! Durante alguns anos eu não gostei de fazer aniversário. Nunca tive nada contra ganhar presentes, porém, sentia uma baita tristeza junto com a percepção de que o tempo estava passando...

Oras, não me julguem fútil, pois sentir o peso do tempo não é fácil e queria que o tempo parasse e que os momentos felizes se repetissem num looping eterno. Coisa de gente jovem!

Mas por incrível que pareça, no meu último aniversário, não houveram lágrimas de descontentamento e nem mágoa para com o implacável, e muitas vezes sábio, o Tempo.

Para minha surpresa, aceitei a existência dos cabelos brancos, (apesar de planejar pintá-los quando julgar necessário, pois acho que não ficaria muito bem, afinal, não são todas as cores que combinam com todo mundo!). Aceitei a dor nas costas e o desejo constante de que cadeiras se materializem em todos os lugares para onde eu ia. Aceitei que não tenho mais a disposição de quando tinha vinte cinco anos e que não preciso me sentir superior a duas mulheres de vinte anos só por quê sei um pouco mais sobre a vida do que elas.

O que alguns casos nem é verdade, pois tem pessoas que aprendem sobre a vida muito mais cedo do que aqueles que nasceram em mil novecentos e alguma coisa.

A questão é que estou bastante surpresa comigo mesma! Não que eu seja uma mulher sábia, só que reparei é que a idade só pesa quando estamos insatisfeitos com nós mesmos. Eu até estou levemente insatisfeita com várias coisas na minha vida, mas pelo menos, não estou insatisfeita com quem eu sou. E creio que isso faz a diferença conforme os anos vão passando.

As minhas frustrações não estão necessariamente ligadas à minha pessoa, mas as mazelas que a vida me impôs e isso é perfeitamente comum. Me sinto bem com aquela parte de mim! Aquela que está perto dos quarenta, e que ainda luta pelos seus sonhos.

Então acho que estou num bom caminho. Sou novata na arte de cronicar, mas a idade me fez capaz de experimentar muitas coisas úteis, como a arte de analisar o mundo, de me aprofundar em questões importantes, de perceber os nuances, as cores da

vida, etc.

Deve ser a tal da sabedoria que vem com os anos...  
Provavelmente.

Isso só comprova, mais uma vez, que aquele escritor das Sagradas Escrituras estava certo, quando escreveu que: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu”.

Antes eu não estava preparada para cronicar, mas hoje estou.

E declaro solenemente que a partir de agora, me declaro aprendiz de cronista.

Portanto, croniquemos!

## **O ANTES E O DEPOIS**

Me lembro de que quando era criança, fazia de conta que era uma grande cantora e que vivia em turnê

pelo mundo. E que em cada show, milhares de pessoas se juntavam a mim e formávamos um coral lindo, e as músicas cantadas eram todas de minha autoria.

O quintal era o meu palco, um cabo de vassoura era o pedestal do microfone e o ar era o meu público.

Enquanto a minha família estava dentro de casa vendo TV, eu estava do lado de fora totalmente absorva no meu show! Na época eu não me importava com que os outros pensassem sobre mim enquanto fazia os meus “shows”, até porquê dentro da minha cabeça, eu era uma cantora talentosíssima e muito estilosa, além de que eu tinha uma carreira bem consolidada e tudo o que eu me propunha fazer, dava certo!

Mas o fato é que a realidade não é tão sólida quanto a imaginação de uma criança. Pois no mundo dos adultos as coisas são bem diferentes e infelizmente muita coisa boa da nossa infância fica para trás!

Anos se passaram e eu continuo gostando de cantar, de maneira que hoje em dia aproveito o ensejo e canto na igreja em que congrego. Porém, minha imaginação não consegue fazer muito por mim nos dias atuais nas ocasiões em que vou cantar.

Canto mais pela fé mesmo e porque até o momento não houve pedidos para que eu abandonasse a música, portanto sigo crendo que minha voz é no mínimo tolerável.

O que quero dizer é que ninguém me avisou que os sonhos de criança ficam diferentes quando nos tornamos adultos. Por exemplo: Já perdi as contas de quantas vezes fiquei com vontade de chorar enquanto cantava! Quando eu era uma cantora conhecida mundialmente (no mundo que criei na minha cabeça) nunca senti vontade de chorar! Todos os meus shows eram muito alegres!

Outra coisa que notei, é que a minha voz não é esplêndida como nos musicais! Ela é normal.

Totalmente normal!

E ao longo dos anos também fui percebendo que toda a minha ousadia e coragem eram só características da menina sonhadora que fui. E que na vida adulta, ser ousada e corajosa não é bem visto pelos outros adultos.

Estranho, não?

E ainda descobri que quando ficamos adultos, o medo começa a se tornar um obstáculo difícil de transpor em todas as áreas da vida! Praticamente tudo dá medo!

E tudo isso me levou a conclusão de que me iludi muito com essa coisa de ser adulta! Tanto que costumo aconselhar todas as crianças que conheço a não ter pressa e lhes afirmo que ser adulto não é lá grande coisa. Pode ser legal às vezes, nas outras vezes é uma luta atrás da outra.

E a pior das desvantagens é essa: perdemos a leveza

da infância.

Antigamente, eu voava pessoalmente a mundos diferentes, já hoje em dia, mal consigo levantar os pés para andar. Me parece que até a gravidade fica diferente quando nos tornamos adultos.

Não tenho como provar isso, entretanto.

E o mais preocupante é que todas as vezes que estou na escala para cantar, fico apreensiva. Penso até em desistir e até desisti algumas vezes, e por diversas motivos. Mas então surge outro dilema, que se resume em: Se eu me autossabotar e deixar de fazer algo que gosto, como que aquela coragem e a ousadia da infância vão voltar a fazer parte de mim?

Isto é ponto importante! Por quê todo mundo sabe que resgatar coisas boas da infância te faz um adulto melhor, mais leve.

E por isso, tento não me autossabotar e até tento melhorar como cantora. Não que eu ache que um dia

acabe fazendo turnês pelo mundo... Ah, não! Mas é porque se for para cantar, que seja no mínimo algo agradável de se ouvir. Não perfeito, mas agradável, pelo menos.

Mas bem que eu podia tremer menos, né! E ficar menos nervosa! E errar menos a letra, essas coisas... Até preciso usar uma colinha por causa do nervosismo! Logo eu? Aquela que inventava as próprias músicas?

Que ironia!

O Tempo gosta de fazer piadas com a nossa cara, tenho certeza.

Vejam que mudança drástica!

Enfim, sinto falta da minha coragem e desenvoltura para com o meu público imaginário, eles seriam muito úteis nos dias atuais.

## **FAVO DE MEL**

Mamãe chamava-se Melinda e ficara viúva muito jovem e na fazenda que papai deixou para ela havia várias caixas de abelhas. Meu pai, o senhor Horácio, além de saber tocar gaita, contar histórias, entre outras coisas; também era apicultor! Ele falava de suas abelhas com muito carinho e ficava muito orgulhoso delas quando ia vender mel na feira da cidade. Certa vez, ele colocou as caixas com os potes de mel no assoalho da carroça e disse:

— As minhas amigas prepararam o mel mais delicioso do mundo! Venderei mais uma vez, todas as garrafas, vocês vão ver!

Nós acordávamos cedo para poder vê-lo partir e fazíamos a maior algazarra quando ele retornava com as caixas de madeira vazias. Só mamãe permanecia calada e com uma expressão estranha no rosto. Acabávamos ficando tristes porquê ela não

demonstrava ficar feliz pelo fato de papai ser um apicultor tão bom!

Mas um dia tudo mudou.

Infelizmente, a verdade demora para aparecer. Ou somos nós que preferimos ficar escondidos nas ilusões que criamos de propósito ou inconscientemente! Nós ainda não sabíamos, mas papai havia criado uma ilusão, igual aqueles mágicos de circo, e quando finalmente descobrimos o segredo do truque, já era tarde demais!

Um dia, ele sentiu uma dor muito forte e foi levado às pressas para o hospital, porém dias depois ele faleceu.

Aconteceu tão de repente que parecia que eu estava presa num pesadelo. Eu não conseguia raciocinar direito e só dei por mim que tinha ficado órfã, quando o caixão de papai foi totalmente coberto de terra.

Todos os vizinhos das redondezas ficaram muito tristes e chocados com a morte prematura de papai e vieram até nossa casa prestar condolências em seu funeral.

Era tanta gente no funeral de papai que era difícil se movimentar pela casa. Diversas mulheres ficaram perto de mamãe consolando-a durante todo funeral, enquanto outras iam cuidando de nós, seus filhos, ou fazendo cafézinho e quitutes para as visitas.

Me lembro de que os olhos de mamãe estavam sempre vermelhos e tristes mesmo depois do enterro. A vida tornara-se demasiadamente dura para ela e não havia muita coisa que nós, seus filhos, poderíamos fazer.

Semanas depois do funeral, mamãe decidiu se desfazer das abelhas. Muitas pessoas da família foram contra, porém, como não havia ninguém para cuidar delas ou dinheiro para pagar um apicultor para que fizesse isso, acabaram concluindo que a

melhor opção era vender tudo mesmo!

Eu não sei como fizeram, só sei que todas as colmeias foram retiradas durante a noite. Os campos atrás da fazenda ficaram vazios depois que as casas das abelhas foram removidas. Nem parecia que lá havia sido o lar das amigas de papai. Tudo o que restou foi um favo de mel do tamanho de um dos livros que mamãe costumava ler, que fora deixado pelo comprador das casas de abelhas como um presente de despedida à família do apicultor falecido.

O favo de mel estava todo dourado e havia sido colocado num prato de cerâmica. Era lindo! Parecia um pedaço de ouro com vários rabiscos hexagonais. Mamãe olhava para aquele favo de mel com um olhar triste, durante o café da manhã. Ela disse que estava sem fome e ficou calada durante um tempo, até que de repente começou a chorar copiosamente.

Eu e meus irmãos ficamos em silêncio pois sabíamos que naquele momento qualquer coisa que

disséssemos a ela; não diminuiria sua dor. Então preferimos deixá-la desabafar, quando de repente, mamãe pegou o favo de mel e arremessou-o com força na parede. O favo de mel se espatifou e seus pedaços caíram no chão. O local onde o favo de mel bateu ficou amarelado.

Ficamos todos estarecidos, ainda mais quando mamãe disse soluçando:

— Porquê Horácio? Porquê preferiu as abelhas à nós? Porquê persistiu nesse sonho louco? Porquê não escutou os médicos? Você não devia ter sido apicultor! Teu sonho tolo era maior do que seu amor pela vida? Do que nosso casamento e do que nossos filhos? Como pode? Como pode?

Mamãe saiu correndo e foi para o seu quarto. Ela estava cheia de rancor, mas não era rancor da vida e nem da morte, mas estava cheia de rancor de papai!

Eu e meus irmãos nos entreolhamos perplexos e só

foi quando mamãe saiu de seu quarto que meu irmão mais velho, Marcelo, indagou:

– Mamãe? O que a senhora quis dizer com aquilo?

E ela, contou com seus olhos marejados, que papai era alérgico à picadas de abelhas e mesmo que ele usasse o macacão de apicultor enquanto trabalhava, ele sabia que por morar próximo de um apiário corria risco de vida, pois ao ser picado por uma de suas abelhas as reações alérgicas

Ficamos em silêncio e sentindo um vazio imenso na alma. Mas mamãe, percebendo nossa decepção, nos abraçou e disse:

– Não fiquem assim meus filhos! Porque vocês são o meu maior sonho realizado! O pai de vocês só demorou para entender o que é de verdade ter um sonho realizado.





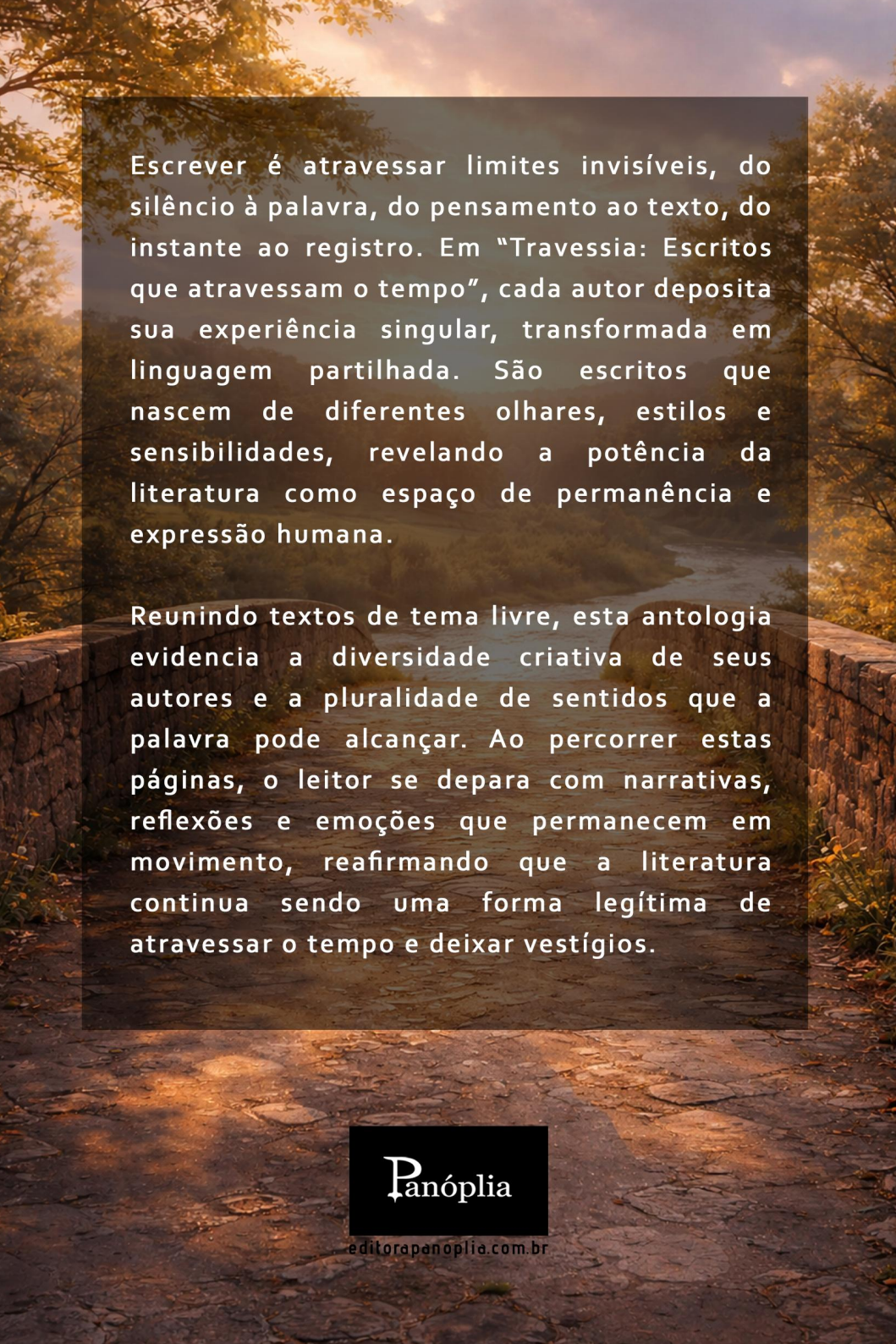
*Travessia*



Ler é sempre uma aventura extraordinária!

Visite nosso site:  
[www.editorapanoplia.com.br](http://www.editorapanoplia.com.br)





Escrever é atravessar limites invisíveis, do silêncio à palavra, do pensamento ao texto, do instante ao registro. Em “Travessia: Escritos que atravessam o tempo”, cada autor deposita sua experiência singular, transformada em linguagem partilhada. São escritos que nascem de diferentes olhares, estilos e sensibilidades, revelando a potência da literatura como espaço de permanência e expressão humana.

Reunindo textos de tema livre, esta antologia evidencia a diversidade criativa de seus autores e a pluralidade de sentidos que a palavra pode alcançar. Ao percorrer estas páginas, o leitor se depara com narrativas, reflexões e emoções que permanecem em movimento, reafirmando que a literatura continua sendo uma forma legítima de atravessar o tempo e deixar vestígios.

**P**anóplia

[editorapanoplia.com.br](http://editorapanoplia.com.br)